

Vida e obra de Bezerra *de* Menezes

“SOLIDÁRIOS, SEREMOS UNIÃO.
SEPARADOS UNS DOS OUTROS,
SEREMOS PONTOS DE VISTA.”

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

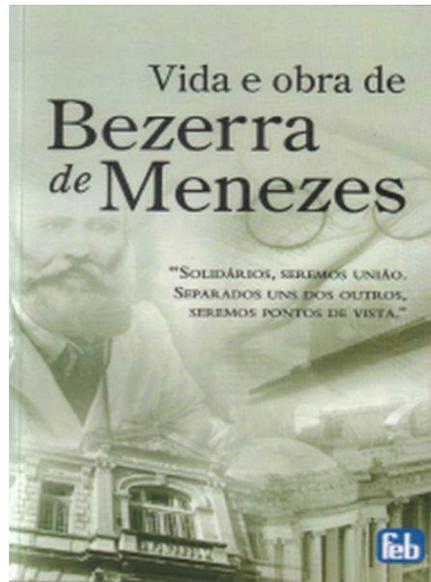
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



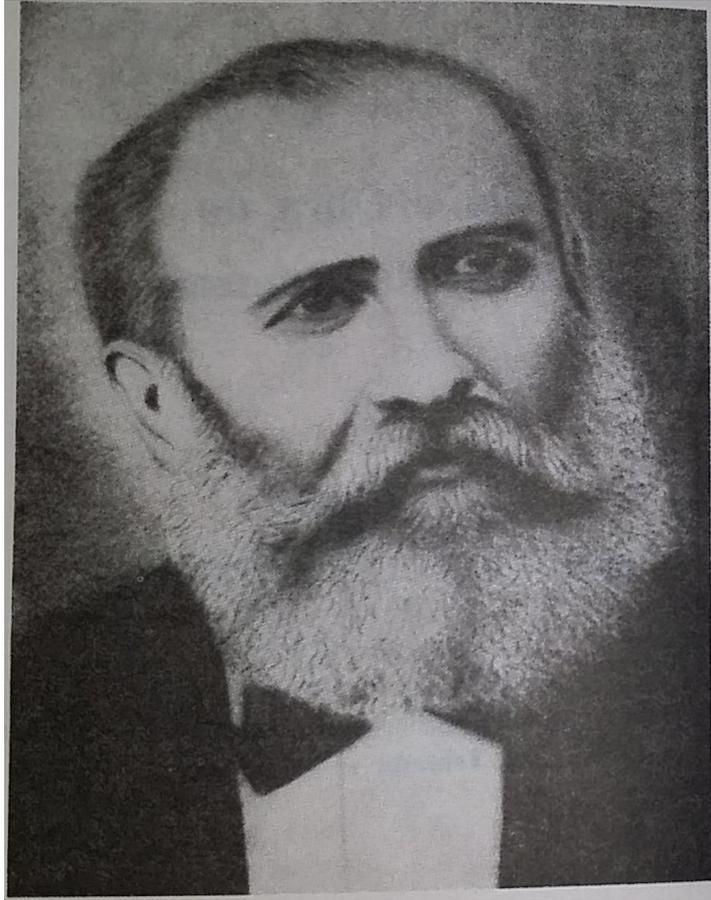
www.ebookespírita.org



Vida e Obra de Bezerra de Menezes



FEDERAÇÃO ESPIRITA BRASILEIRA DEPARTAMENTO
EDITORIAL Rua Souza Valente, 17 20941 – Rio-RJ – Brasil e
Av. L-2 Norte – Q. 603 – Conjunto F 70830 – Brasília-DF – Brasil



Intróito

Encontra-se no Evangelho a parábola em que Jesus comparou o reino de Deus ao homem que lança à terra a semente que germina, cresce, se transforma em espiga e depois se cobre de grãos...

A alegoria é clara e concludente; os grãos fecundos são os Espíritos purificados que, em missão, descem ao nosso mundo para nos ajudar a progredir moral e intelectualmente.

E o Espírito que tomou o nome de Adolfo Bezerra de Menezes, um dos eficientes auxiliares de Ismael, como grão fecundo e amadurecido pelo sol da verdade, baixou em terras brasílicas trazendo a missão específica de preparar os caminhos e sacudir as mentalidades, a fim de que os grãos improdutivos, contaminados pelas emanções doentias de um ortodoxismo aviltante e deturpador dos mais nobres e puros ensinamentos do Cristo, não mais prejudicassem os bons grãos em que reluzem a humildade, a fidelidade à verdade divina, o amor pelos ensinamentos contidos na Boa-Nova. Nela vamos encontrar muitas palavras que, na noite dos tempos, perderam seu primitivo significado, porque ninguém ignora que as palavras envelhecem, tornam-se caducas. Machado de Assis, em uma de suas crônicas, disse mesmo que elas também se aposentam, que algumas ainda têm o magro ordenado sem gratificação, que lhes possam dar eruditos, mas outras caem na miséria e morrem de fome.

O grande Victor Hugo, em *Réponse à une acte d'accusation*, verbera com energia o pedantismo dos literatos da época, ao reviverem desprezíveis termos populares, *car le mô, qu'on le sache, est un être vivant...*

O Espiritismo veio, pois, dar vida nova a certas, palavras e expressões do Velho e do Novo Testamentos, possibilitando-nos a compreender o Cristo em toda a sua esplendente beleza espiritual !

Bezerra, com sua fé, sua autoridade e sua coragem, fez que os homens sentissem as coisas divinas, não pela letra desfigurante da realidade das coisas, mas, sim, em espírito e verdade.

Exaltou de maneira formal e persistente a feição religiosa do Espiritismo, porque só esta tem a força incoercível de anular o orgulho, a cobiça, a ambição, a vaidade, os maus pensamentos e suas conseqüentes ações e atitudes de agressividade, de desamor, de ódio, de vingança e de destruição. O intelecto bem cultivado e a ciência aprimorada, em via de regra, conduzem o homem, quando divorciado do sentimento religioso, a considerar-se superior até à própria divindade. E a predominância do materialismo em nossas escolas de nível universitário é o testemunho eloqüente do que afirmamos.

Esse materialismo invadiu as igrejas, na concepção das coisas divinas, e, aliado ao orgulho e à presunção da criatura humana, foi ao grande e incompreensível absurdo de afirmar que Deus se ofereceu em holocausto a si mesmo para salvar os

homens!

«O homem, sempre orgulhoso do seu valor pessoal, tão importante aos olhos do Cristo se julgou, que entendeu só poderem suas faltas ser resgatadas por este em pessoa. Só Deus, isto é, só aquele que, por efeito exclusivo de sua vontade, segundo o modo de ver do próprio homem, precipitaria, se o quisesse, num completo caos todos os globos disseminados pelo espaço infinito, poderia operar tal resgate, mediante um sacrifício, imolando-se a si mesmo, rebaixando-se, conseqüentemente, ao nível de suas criaturas indignas. Só assim, sem dúvida, a vítima imolada seria digna daqueles cujo resgate representaria o preço da imolação. Orgulho, orgulho do homem, que sempre se considerou o rei da criação, quando não é mais do que um miserável inseto que passa, por assim dizer, despercebido, como o mosquito que voa num raio de sol.»¹

Somente o homem religioso, mas religioso com mentalidade arejada e espírito liberto das algemas forjadas pelos interesses inconfessáveis das castas sacerdotais, estará em condições de encontrar, no progresso da Ciência e nas altas especulações filosóficas, a confirmação positiva e insofismável de que, no mundo, tudo está submetido às leis eternas e substanciais de Deus; compreenderá que sem amor jamais existirá obra alguma que possa enfrentar o tempo, e sentirá, portanto, uma ânsia insopitável de progredir, não materialmente, porém em espírito (quando dizemos em espírito, deve-se compreender intelectual e religiosamente), e isto porque, à medida que avança, panoramas mais sugestivos, mais belos, atraentes e luminosos se lhe abrem aos olhos extasiados.

A concepção materialista e a própria ideologia baseada na vida única, impedindo o homem, dentro de tão limitado período de tempo, de alcançar uma situação espiritual tranqüilizadora, em face do futuro que fatalmente terá de enfrentar, mais hoje, mais amanhã, com a morte inevitável, que o leva ao Inferno, com suas penas irrecorríveis, propicia-lhe, assim, uma vida desesperante, levando-o ao desatino, à loucura, ao suicídio, ao crime e à devassidão. Agora, para o homem que já compreendeu e se inteirou de como se processa a justiça divina, indistintamente, para ricos, potentados, pobres e criminosos, por isso que ela é inflexível, uniforme, sem jamais experimentar quaisquer distorções, pois que se exerce através das reencarnações sucessivas, a vida, então, deixa de ser desesperante, para nela encontrarmos razões que nos tranqüilizem e nos levem a enfrentar, com serenidade, os imprevisíveis contratemplos a que todos estamos sujeitos.

E justamente por sentir tudo isso foi que a voz de Bezerra de Menezes, como a de autêntico missionário, ressoava na consciência dos homens, convidando-os a saírem do deserto, do árido deserto de suas concepções religiosas, já inteiramente superadas, mas, tal como aconteceu a João Batista, Bezerra também foi

¹ (1) Apud Roustaing — "O» Quatro Evangelhos" —, II volume, n* 174.

incompreendido pela maioria dos homens do seu tempo, que nele viam um simples propagador de crendices, que não passava de um herege, que perdia o tempo e ensombrava a inteligência na pregação de ideias absurdas, e que só um louco seria capaz, em sua insânia, de desprezar as belas situações que desfrutava, para se entregar a práticas incompreensíveis e absurdas, como se o amor ao próximo, como se exaltar as lições evangélicas e apresentar, aos olhos dos homens, o nosso Pai Celestial na grandiosidade de seu poder, de sua atividade incessante, desvestido das pesadas e grosseiras túnicas com que os exploradores da religião o apresentam a seus crentes, na figura grotesca de um ancião de longas barbas brancas, a repousar, eternamente, pelo trabalho de formar, em seis dias, este mundozinho em que habitamos, pudesse autorizar alguém acoimá-lo de louco ou herético!

Bezerra foi uma individualidade que ornou seu Espírito com vastos cabedais de conhecimentos hauridos no decurso de várias e sucessivas encarnações, e daí brilhar e preponderar sempre, seja na nobre profissão de médico, na política bem compreendida, no jornalismo honesto, nas especulações filosóficas, nas meditações sobre os problemas candentes da nossa nacionalidade, como o da abolição da escravatura, pela qual lutou com inflamado ardor, seja, enfim, no seu patriotismo e na sua ilibada honradez e lealdade!

Destemido, corajosamente lutava pela liberdade das consciências humanas, procurando alertá-las contra as falsas ideias religiosas pregadas pelos vendilhões dos templos, que por aí ftndawi mercantilizando e explorando as coisas mais sagradas, esquecidos de que Jesus recomendou que déssemos de graça o que de graça recebêssemos.

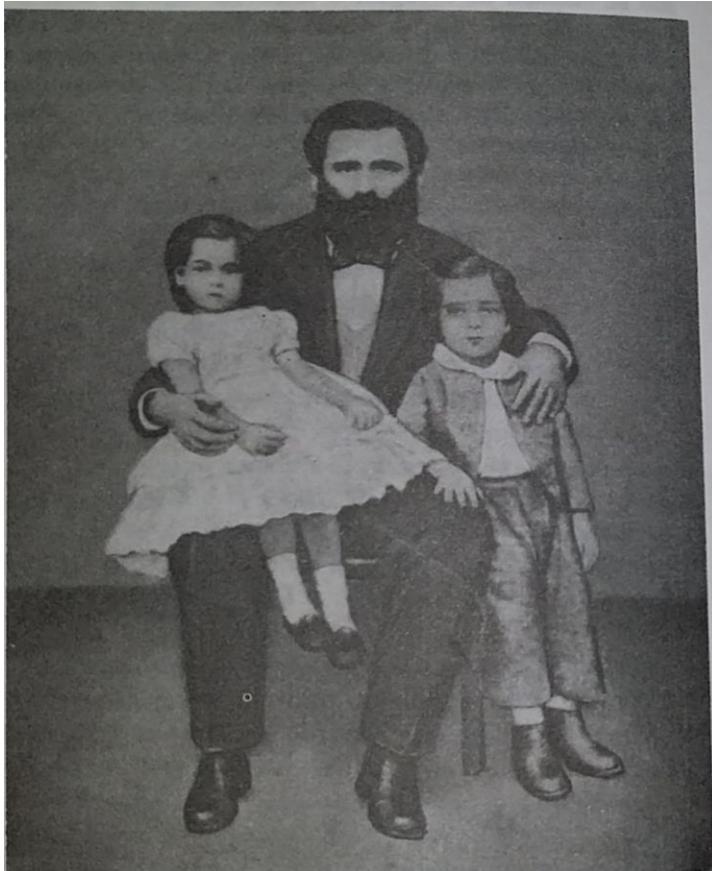
Bezerra foi o Kardec brasileiro, porque foi ele, realmente, quem, no Brasil, estava espiritualmente preparado para difundir o Espiritismo pela inteligência, pela persuasão, pelos atos e sobretudo pelos exemplos edificantes, sublimes, que nos deixou, partindo, assim, para a espiritualidade, com as mãos limpas, pois que nunca se utilizou delas para explorar os ensinamentos evangélicos, as dores de seus semelhantes e as lágrimas das viúvas.

Outros vultos eminentes, sem dúvida alguma, têm surgido no tablado da vida brasileira, mas nenhum deles conseguiu igualá-lo em sua fé, desprendimento, entranhado amor pelos seus irmãos em humanidade e grandeza esplendente de seu Espírito de missionário.

Talvez muito teremos de andar ainda até que Ismael julgue necessária a vinda de novo missionário, porque a semente lançada por Bezerra de Menezes, em terras brasileiras, está frutificando, não tão rapidamente como seria de nosso desejo, e isto em face de o terreno estar atulhado de pedras lançadas pelos falsos representantes do Cristo de Deus, incorrigíveis e pretensos senhores da verdade, como se a verdade pudesse, em pleno século das luzes em que vivemos, continuar escravizada pelas mãos simoníacas dos homens!

Por tudo isso, impõe-se que alguém se anime a escrever sobre a vida e a obra desse apóstolo do Espiritismo no Brasil, que é Adolfo Bezerra de Menezes, e esperamos que os: homens cultos e estudiosos do Espiritismo se encham de coragem e escrevam algo de mato fôlego do que este simples ensaio biográfico, que está muito aquém do valor incontesté desse homem que foi, é e será sempre o exemplo vivo para aqueles que desejam ser espiritas, mas espiritas-cristãos, como nos recomendou Állan Kardec.

Rio de Janeiro, 3 de outubro de 1962.



Bezerra de Menezes

*Aqui— plantando o bem que Deus ensina, Dando exemplos de amor aos desumanos;
Ali— curando o enfermo, e aos vis tiranos Mostrando sempre de outros maus a
sina...*

*Passaste a vida assim, tanto aos humanos Como aos falsos pregando a sã doutrina
Da eterna lei do amor que a Voz Divina Plantou na Terra há mil e tantos anos...*

*E hoje em sonhos, à noite, nos espaços Azuis e intermináveis te contemplo,
Sorrindo de Jesus nos puros braços,*

*E ouço uma voz dizer no eterno templo: Feliz aquele que seguir-lhe os passos,
Feliz aquele que seguir-lhe o exemplo.*

CASIMIRO CUNHA

Vassouras, janeiro de 1902.

Ensaio Biográfico

Preâmbulo

Adolfo Bezerra de Menezes foi também conhecido, em seu tempo, pelo cognome de *Médico dos Pobres*. É que ele sofria com os sofrimentos de seus doentes. E muitas vezes ficamos a cismar se eram realmente os remédios, ministrados por Bezerra, que tão prontamente curavam seus consulentes, ou se eram as virtudes que saíam, em profusão, de sua alma de escol, que propiciavam as verdadeiras maravilhas dessas curas.

Lembremo-nos de que a nossa Doutrina e os nossos maiores da Espiritualidade já nos têm esclarecido que a Medicina não deve ser um sistema e sim um meio de restabelecer a harmonia das forças vitais quando perturbadas. E os homens, quaisquer que sejam, que se consagram ao tratamento físico da Humanidade, devem entregar-se a profundos e perseverantes estudos teóricos e experimentais, valendo-se da ciência médica, destinada a progredir sempre, do magnetismo humano e do sonambulismo magnético, lançando mão de todos os meios, usando de todos os recursos que aqueles estudos necessariamente facultam, recursos e meios tirados, pela observação e pela experimentação, das propriedades curativas de minerais, vegetais e animais, sobretudo dos vegetais, e ao mesmo tempo dos fluidos de que se acha carregada a atmosfera que nos cerca.

Precisamos salientar que o magnetismo não constitui um jogo para divertimento dos curiosos; não é uma ciência ligeira destinada apenas a aliviar alguns sofrimentos. É um estudo grave, profundo, que reclama, para se tomar proveitoso, ilimitado desinteresse, fé viva, inesgotável amor ao próximo, amor esse que jorrava, a todas as horas, da alma vibrátil de Bezerra de Menezes.

Até que se complete a purificação moral e, conseqüentemente, a purificação física do homem — continuam ainda os nossos mentores da Espiritualidade —, a ação magnética humana não bastará por si só, na maioria dos casos, para a cura das enfermidades essencialmente físicas, orgânicas. Haverá, porém, casos excepcionais em que Deus permitirá ao homem adiantar-se, em que um privilegiado — privilegiado em virtude da elevação e da pureza alcançada —, com o auxílio oculto dos Espíritos superiores, produzirá, por ato de sua vontade e pela ação magnética, fenômenos de curas consideradas impossíveis, fenômenos de curas a que chamam *milagres*.

Allan Kardec, a respeito das numerosas curas operadas por Jesus, disse-nos que de todos os fatos que dão testemunho do poder de Jesus, os mais numerosos, não há contestar, são as curas. Queria ele provar dessa forma que o verdadeiro poder é o daquele que faz o bem.

A alma de Bezerra de Menezes era toda amor e bondade, alimentando sempre o desejo de ser útil aos seus semelhantes. Suas ações cotidianas, seus pensamentos,

puros e lípidos, levavam-na a estar continuamente envolvida nos fluidos amoráveis e salutares do Cristo. Era como que um ímã a atrair as forças vitais da Natureza, e que ele distribuía, magnânima e profusamente, aos seus doentes, que as recebiam, em maior ou menor porção, de acordo com a intensidade de sua fé, de sua confiança e de seus sentimentos, mesmo porque, como disse o Espírito Joaquim Murtinho, que na Terra foi médico e operava curas maravilhosas com a sua homeopatia, "os ensinamentos da fé constituem receituário permanente para a cura positiva das antigas enfermidades que acompanham a alma, século trás século".²

E disse-nos mais o Espírito desse piedoso médico: "Se o homem compreendesse que a saúde do corpo é reflexo da harmonia espiritual, e se pudesse abranger a complexidade dos fenômenos íntimos que o aguardam além da morte, certo se consagraria à vida simples, com o trabalho ativo e a fraternidade legítima por normas de verdadeira felicidade."³

*

A Loucura sob Novo Prisma, por exemplo, é um estudo psíquico-fisiológico, feito por Bezerra de Menezes, e que atesta a sua clarividência, a acuidade de sua inteligência, tendo-se em vista que, naquele tempo, os senhores médicos encaravam a doença tão-somente pelo lado somático, isto é, que toda perturbação do estado fisiológico do ser humano procedia invariavelmente de uma lesão orgânica, tanto assim que "os homens da ciência têm, disse Bezerra, como verdade incontroversa, que a alienação mental, conhecida pelo nome de — loucura —, é efeito de um estado patológico do cérebro, órgão do pensamento, para uns, glândula secretora do pensamento, para outros".

Bezerra de Menezes, no entanto, já alertava, com fatos de rigorosa observação:

19) que o pensamento é pura função da alma ou espírito, e, portanto, que suas perturbações, em tese, não dependem de lesão do cérebro;

29) que a loucura, perfeitamente caracterizada, pode-se dar e dá-se, mesmo, em larga escala, sem a mínima lesão cerebral;

39) que a loucura pode ser também resultante da ação fluídica de Espíritos inimigos sobre a alma ou Espírito encarnado num corpo.

Empreendendo, pois, tão grandioso trabalho, não se iludia ele com a repercussão pouco favorável que essa sua tese alcançaria no meio de seus colegas médicos; eis por que declarou: "ninguém conhece meu obscuro nome — e as obras de tanta monta requerem nomes aureolados".

²(1) Apud — "Falando à Terra" —, pág. 117, 2* ed. da FEB, obra psicografada por F. C. Xavier.

³(1) Apud — "Falando & Terra" —, pág. 117, 2« ed. da FEB, obra psicografada por F. C. Xavier.

Bezerra, através desse trabalho, propunha-se a resolver o problema da loucura sem lesão cerebral.

Muitos facultativos, hoje em dia, começam a sentir que a ciência médica não pode ficar circunscrita à parte somática, pois que, assim como existem enfermidades orgânicas, existem, igualmente, enfermidades que se relacionam com o corpo espiritual, isto é, a alma.

Daí o já se falar atualmente, com certa desenvoltura, sem constrangimento, de medicina psicossomática, a qual vai atraindo a atenção de muitos facultativos conscienciosos, que não podem, de maneira alguma, negar a veracidade de casos que zombam da ciência materialista, e que, no entanto, com a simples terapêutica espiritual, cedem prontamente, retomando o paciente ao gozo de perfeita sanidade.

A música já vem sendo estudada como meio muito eficiente, não só para curar determinadas enfermidades, senão também para fins de anestesia e como calmante.

Ora, convenhamos, a matéria, em si, é completamente indiferente à atuação das ondas sonoras, devendo concluir-se, evidentemente, que é o Espírito que as recebe, que as assimila, delas usufruindo seus benefícios.

Nesse livro — *A Loucura sob Novo Prisma* — Bezerra relata, dentre muitas, uma ocorrência para demonstrar que a loucura pode ser de fundo orgânico, nuns casos; e de fundo espiritual, noutros casos, ou de ambos, conjugados.

Ei-lo:

"Os jornais desta Capital deram notícia, faz alguns anos, de *máis uma vitima do Espiritismo*.

"Foi o caso de ter ido à casa de uma "curan- deira" a esposa de um moço muito conhecido da nossa sociedade, o Sr. Canongia, e de ter saído dali louca, de não a poder ter o marido senão no Hospício dos Alienados.

"Foi, portanto, registrado por toda a imprensa da Capital Federal o fato da loucura da moça e da sua reclusão ao hospício.

"O angustiado marido veio a nós e pediu-nos conselho, como médico e espírita.

"Reunidos, o Dr. Antônio Luís Sayão, o Doutor Francisco Leite Bittencourt Sampaio, o Dr. Pedro Saião, o cirurgião-dentista Tiago Beviláqua, o negociante Pedro Richard, o guarda-livros José Augusto da Silveira Ramos, o negociante Matos Cid, nós e o médium Frederico Júnior, fizemos a evocação do Espírito perseguidor de Alice, nome da esposa de Canongia.

"Veio em fúrias e inconvenientemente, por tal modo que apenas adiantamos em saber que era ou tinha sido português, e que perseguia a moça, por tê-lo desprezado, quando ele tinha por ela uma louca paixão. Perseguiu-a e perseguiu-la-ia por toda a vida.

"Na sessão seguinte, oito dias depois, tendo reconhecido que não era mais vivente, como estivera persuadido até ali, esteve mais cordato, ouviu nosso

arrazoado, e foi-lhe dado ver o quadro de sua anterior existência, ante o qual ficou horrorizado.

— “Agora reconheço, exclamou, que ela teve razão de sobra para me repelir.

“Reconciliado, pois, retirou-se do nosso meio, e desde aquele dia Alice começou a manifestar melhoras, até que, aos poucos, recobrou a razão; saiu do hospício e voltou à sua casa, onde vive perfeitamente, vai para seis anos, com o marido e os filhos, sem mais sombras de perturbação mental.

“O fato de a razão não ter imediatamente voltado, mas apenas despontado, logo que cessou a pressão, foi devido aos fluidos maus do perseguidor, que levam mais ou menos tempo a ser eliminados, segundo o grau de receptividade moral do perseguido.

“Apesar de retirada a causa, não cessou logo o efeito, porque o efeito já estava bem gravado e precisava de tempo para se desfazer.

“Isto é uma lei patológica, que não nos cabe aqui desenvolver.”

*

O Dr. Lauro Neiva, competente psiquiatra, com larga prática nos hospitais da América do Norte e do Canadá, em seu interessante livro *Aconteceu no Outro Mundo*, fez esta corajosa confissão: “Pelo que aprendi em seis longos anos de Medicina, eu deveria ser, em questões religiosas, já não digo um ateu, porém, no mínimo, um mentecapto em matéria espiritual. Felizmente, não estando carente do razoável saber e da boa-fé, nem estando preso a nenhum sistema religioso, filosófico, político ou literário, não fiquei inerte, e reagi às estreitas normas do formalismo acadêmico. Pouco me importava que colegas ilustres comentassem a minha atividade nesses estudos, admirados de verem um “psiquiatra tão conceituado metido no Espiritismo”. Huxley, Flammarion, Richet e Crookes não eram, ao que me consta, imbecis...

“Não receio a crítica sadia, honesta e construtiva; mas rejeito, com o silêncio, a leviandade hostil dos sectários. Não gosto de polêmicas e, diante de certas matreirices, como a daqueles que, para invalidarem o trabalho dos mortos, afirmam ter feito, às escondidas, uma mão de parafina igual à dos Espíritos materializados — feita na água fervente! —, só rindo!...

“A única autoridade científica de renome inatacável, ligada a mim por laços de amizade indestrutível, que me poderia censurar, uma vez que fui seu assistente durante quinze anos, agradecido, portanto, aos seus ensinamentos, seria o Prof. Henrique Roxo. O mestre e amigo, entretanto, com mais de oitenta anos de idade, não deixou de continuar a respeitar as minhas preferências de estudioso, pois, com enorme honra para mim, me envia clientes seus e me faz, demonstrando especial modéstia, seu médico, às vezes!”

E conta-nos, então, o Dr. Lauro Neiva, que “o Prof. Henrique Roxo, ainda hoje considerado como um ferrenho inimigo do Espiritismo, escreveu em sua monumental obra *Manual de Psiquiatria*, edição terceira, 1938, página 754: “O

Espiritismo, que é praticado por grandes sábios e que motivou um excelente livro do justamente pranteado Prof. Charles Richet, deve ser estudado. *Não provoca a loucura*⁴; aquele que pode ser causa, é o Espiritismo de exploração, dos ignorantes, das classes populares."

*

Gustavo Geley, médico francês, fundador do Instituto Metapsíquico Internacional, em sua obra *Resumo da Doutrina Espírita*, diz:

"Não se ousam encarar todas as possíveis consequências da Doutrina Espírita, sobretudo no campo da terapêutica, mas pode-se afirmar simplesmente que ela dissipará muitas obscuridades patogênicas."

Ainda recentemente o Dr. Vicente Lapicirella, em entrevista concedida ao vespertino de Buenos Aires, *La Razon*, declarou que o somático e o psíquico estão entrelaçados e que, portanto, não seria possível curar a um sem se levar na devida conta o outro. "Os médicos — acrescentou ele — foram os primeiros a sentir que nas enfermidades do corpo existem, em grande extensão, alterações cujas gêneses se radicam no espírito", e afirmou ainda mais: "que o médico deve atuar, orientando permanentemente sua investigação através destes dois fatores — corpo e espírito — sem o que não haverá cura total e efetiva".

*

Não obstante, os filiados à escola positivista, diante da realidade berrante de algo que escapa ao domínio da matéria, produzindo fenômenos incontestáveis, afirmam, para contornarem a questão e não serem vencidos pela força da verdade, tal como o Dr. G. Audiffrent, em *Moléstias do Cérebro e da Inervação*, dizendo que a "medicina psíquica" não passa de fenômenos compreendidos no da *atenção fortemènte despertada e longamente mantida*, geralmente conhecidos, e como tais utilizados na cura ou modificação de fenômenos patológicos quaisquer, sob os dispersivos nomes de — fascinação, magnetismo animal, hipnotismo, espiritismo, halo ou auto- -sugestão, etc. — em todas as suas nuances e modificações; seguindo-se Eugène Sémérie, doutor em medicina que, em seu livro *Os Sintomas Intelectuais da Loucura*, afirma que "o magnetismo animal, o espiritismo, o hipnotismo, que fazem seqüência à possessão, à feitiçaria, ainda não receberam, na minha opinião — diz ele — uma explicação suficientemente positiva. Elas aparecerão, cedo ou tarde, no domínio da ciência, que tudo explicará, sem fluido nem vontade, sem metapsíquica nem teologia."

*

Todo espiritista, compenetrado da crença que o faz sentir Deus em toda a sua expressão de Pai de infinita bondade e justiça, que mestra Jesus, em toda a sua grandeza espiritual, que faz descortinar um horizonte de resplendente beleza, de luz e de vida eternas, tem, necessariamente, de encarar o Espiritismo, em qualquer

⁴ (1) O grifo é nosso.

circunstância, com todo o respeito e devotamento que ele merece.

Já Allan Kardec, em discurso de abertura da sessão anual comemorativa dos mortos, na Sociedade Parisiense, em 17 de novembro de 1868, dizia:

— "Todas as reuniões religiosas, a qualquer culto que pertençam, são fundadas sobre a comunhão de pensamentos; e com efeito, é nas reuniões religiosas que ele deve e pode exercer todo o seu poder, porque o alvo tem que ser o desprendimento do pensamento das particularidades da matéria. Infelizmente, a maior parte delas se tem desviado desse princípio, à medida que fazem da religião uma questão de forma." Disso resulta que cada um, fazendo consistir seu dever no cumprir as formas, crê-se quite com Deus e com os homens, quando haja praticado a fórmula. Resulta ainda que cada um vai aos lugares de reuniões religiosas com um sentimento vago de seu próprio interesse e o mais frequentemente sem sentimento algum de fraternidade para com os outros assistentes; fica isolado no meio da multidão, e não pensa no céu senão para si mesmo.

"Certamente não é assim que o entendia Jesus quando disse: "Quando estiverdes reunidos em meu nome, eu estarei no meio de vós." Reunidos em meu nome, isto é, com um pensamento comum; mas não podem estar reunidos em nome de Jesus sem lhe assimilarem os princípios, sua doutrina; ora, qual é o princípio fundamental da doutrina de Jesus?

A caridade em pensamento, palavras e atos. Os egoístas e os orgulhosos mentem quando se dizem reunidos em nome de Jesus, porque Jesus os recusa para seus discípulos."

Pois bem, Bezerra de Menezes, com seu alto descortino e verdadeira compreensão relativamente ao respeito que devemos ter, em qualquer terreno e em qualquer oportunidade, para com a nossa Doutrina, escreveu em *Reformador* de 15 de agosto de 1896:

"Pensem como quiserem os que entendem dever fazer a propaganda espírita por todos os modos, mesmo nas praças, sujeitando a divina Doutrina à galhofa do público, mesmo nos teatros, em meio do ridículo dos espectadores, e até nos alcouces, por entre os esgares desprezíveis de seres infelizes, seus frequentadores.

"Nem Jesus, o santíssimo modelo, nem os apóstolos, seus autorizados imitadores, expuseram jamais à galhofa, ao ridículo e aos esgares da corrupção os ensinamentos de salvação.

"Quer uns quer outros levaram a palavra da Verdade a todos os meios, é certo, porque o doente é que precisa do médico; porém, fizeram-no sempre guardando a compostura, severamente moralizada, de ministros da mais pura, santa e veneranda Doutrina: ergueram a luz à altura de ser vista por toda a Humanidade, mas não a levaram aos antros.

"De que serve pregar o Espiritismo, que é o Evangelho segundo o espírito e a verdade, dando aqueles que o pregam o exemplo do seu desrespeito pelo modo

irreverente de pregá-lo?

"*Sancta sancte tractanda sunt*: as coisas sagradas devem ser com todo o respeito tratadas.

"Por este modo, um que seja, que se colha para o redil bendito, vem convencido da santidade da Doutrina e será um convencido digno e dignificador da Santa Lei. "Pelo contrário, os que são trazidos como em folia, por milhares que sejam, virão crentes, pelo modo por que viram obrar os propagandistas, de que o Espiritismo é meio de distração, senão de brincadeira, e esses milhares nem aproveitam para si, nem concorrem de leve para o triunfo da boa Lei.

"Propagar o Espiritismo por toda a parte, sim; mas propagá-lo com o respeito e o acatamento que requer o ensino da divina Revelação."

*

Vox populi, vox Dei — As vozes de milhares de consulentes pobres, a quem ele, Bezerra, fornecia os remédios e até dinheiro para o alimento, anunciando as curas feitas, chegaram aos ouvidos da alta sociedade. E apesar de suas consultas serem dadas em modesta farmácia çle subúrbio, a ela diariamente afluíam centenas de pessoas de bolsas recheadas que disputavam ser atendidas por esse médico realizador de "milagres". Bezerra de Menezes, no entanto, não era um privilegiado por Deus; as curas que realizava podiam ser feitas também por outros facultativos, desde que soubessem conjugar o verbo Amar, como Bezerra o conjugava.

Mas, por que o cognominaram de "Allan Kardec brasileiro"?

É o que demonstraremos no decurso deste trabalho.

◆

Humberto de Campos, espírito de imaginação fecunda, príncipe da palavra escrita e, agora, perscrutador incansável dos vastíssimos arquivos do Além, reproduziu, através da mediunidade singular de Francisco Cândido Xavier, com o colorido delicado de seu estilo primoroso, o quadro emocionante do compromisso assumido por um Espírito, numa das memoráveis assembleias havidas nas regiões etéreas, sob a presidência do grande Ismael, por Cristo constituído o zelador dos patrimônios imortais da Terra do Cruzeiro.

Melhor será reproduzir esse quadro, com as próprias palavras do Espírito Humberto de Campos:

— "Há mais de um século, brilhante assembleia de Espíritos se reuniu no Espaço, sob a direção do Anjo Ismael. Foi então exposta a missão futura do Brasil na divulgação do Evangelho, que seria iluminado por uma nova Revelação. Em dado instante, o Mensageiro do Senhor se aproxima de um de seus discípulos e fala-lhe mais ou menos assim: — Descerás às lutas terrestres, com o objetivo de concentrar as nossas energias no País do Cruzeiro, dirigindo-as para o alvo sagrado dos nossos esforços. Arregimentarás todos os elementos dispersos, com as dedicações do teu espírito, a fim de que possamos criar o nosso núcleo de

atividades espirituais, dentro dos elevados propósitos de reforma e regeneração. — E Ismael, ao finalizar, acrescentou: — Se a luta vai ser grande, considera que não será menor a compreensão do Senhor, que é o caminho, a verdade e a vida. — E o discípulo escolhido, imóvel e reverente diante de Ismael, não pôde articular palavra alguma: a emoção dominava-o inteiramente.

“Mas, as lágrimas que rolaram copiosamente de seus olhos diziam, com grande eloqüência, que ele tudo faria para bem cumprir a missão que lhe fora confiada.

“Tempos depois, a **29** de agosto de **1831**, esse missionário nascia no Riacho do Sangue, na então Província do Ceará, recebendo o nome de Adolfo Bezerra de Menezes.”⁵

E, segundo informa o Barão de Studart, em seu *Dicionário Biobibliográfico Cearense*, foram seus pais: Antônio Bezerra de Menezes, que desencarnou em Maranguape, em outubro de **1851**, vitimado pela febre amarela, e de dona Fabiana de Jesus Maria Bezerra, nascida também em Riacho do Sangue, em **1791**, desencarnando em Fortaleza em **5** de agosto de **1882**.

Antes, porém, de soar a hora em que Bezerra de Menezes deveria assumir o posto que lhe fora indicado nessa memorável reunião, era necessário que ele se impusesse, na Corte de então, pela força de seu trabalho, pelos seus dotes culturais, pelo seu caráter, pelas suas atitudes largas, nobres e dignificantes, pelos rasgos maravilhosos de seu coração de ouro. Tinha de firmar-se, no seio da sociedade, como patriota; médico, homem de cultura e de ação; como jornalista, político e escritor!

Vida e Obra

Baseados em notas biográficas de Bezerra de Menezes, publicadas pelo O Paia, em sua edição de **14** de abril de **1900**, e que foram fornecidas por uma comissão da Sociedade Propagadora das Belas- - Artes, desta Capital, e também no que consta, a respeito de Bezerra, muito embora fosse cearense, em *Panteão Fluminense — Esboços biográficos — de homens públicos e políticos, nascidos no Estado do Rio, no tempo do Império, de autoria do jornalista e literato Prezalindo Levy Santos, daremos início ao nosso ensaio sobre a vida e a obra do Doutor Adolfo Bezerra de Menezes.*⁶

⁵ (1) Apud — “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho” —, obra psicografada pelo médium F. C. Xavier.

⁶ (1) Conforme fotocópias que me foram mostradas pelo Sr. Zêus Wantuil, o nome completo do nosso biografado era Adolfo Bezerra de Meneses Cavalcanti, e foi com esse nome que ele tomou o grau de doutor, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; todavia, Já então ele não mais usava o último sobrenome.

A palavra Meneses, em todos esses documentos, ele a escreveu com “s”. Mais tarde, porém, passou a ortografá-la com “z”.

*

Viviam seus pais adstritos aos mais rígidos princípios do dever e da honra, praticando fervorosamente a religião católica, apostólica, romana. O menino Adolfo foi, portanto, criado nesse clima de severa dignidade, respeito e religiosidade.

Em **1838** passou a freqüentar a escola pública da vila do Frade, e no fim de dez meses aprontou-se na leitura, em escrita e em contas, até onde dava o saber do professor que dirigiu a primeira fase de sua educação intelectual.

Em **1842**, a família, por motivos políticos, sofreu forte perseguição, como liberais que eram, pelo que transferiram sua residência para o Rio Grande do Norte.

Assim, o garoto foi matriculado na aula pública de latim, que havia na serra do Martins, em vila da Maioridade, hoje cidade da Imperatriz.

Decorridos dois anos, já estava ele senhor dessa língua, em condições de substituir o professor, como de fato se deu algumas vezes.

Em **1846**, sua família retornou ao Ceará, fixando residência na capital, quando, então, Adolfo Bezerra de Menezes passou a freqüentar o Liceu ali existente, completando, sob as vistas e direção de seu irmão mais velho, o ilustrado Dr. Manuel Soares da Silva Bezerra, os estudos preparatórios, distinguindo-se sempre como o primeiro aluno desse educandário.

Seu pai era possuidor de bela fortuna, toda ela, por assim dizer, invertida em fazendas de criação.

O velho capitão das antigas mûicias conseguiu formar em Direito os dois filhos mais velhos, enquanto que o terceiro, que cursava o segundo ano da Faculdade de Direito de Olinda, foi forçado a interromper seus estudos, em virtude da precária situação financeira de seu pai. É que a política e seu bom coração levaram-no a dar abonos de favor a parentes e amigos que exploravam seus sentimentos de caridade, a tal ponto que em breve se lhe tomou insustentável a situação.

Constatando, porém, que seus débitos igualavam a seus haveres, procurou os credores, propondo-lhes entregar tudo o que possuía, pois dava para pagamento integral de sua dívida. Esses credores, no entanto, amigos sinceros, recusaram-lhe os bens, dizendo-lhe que não se preocupasse com o pagamento, o qual seria efetuado quando ele assim o entendesse, de vez que estavam dispostos a arcar com os possíveis prejuízos que lhes pudessem advir mais tarde.

O velho Menezes insistiu, sem todavia conseguir demover os credores daquela resolução. Tomou, por isso, a iniciativa de se considerar simples administrador do que fora sua fortuna, e desde esse momento só lançava mão do estritamente necessário para manter a família, que passou da abundância às privações.

Entrementes, como dissemos, Bezerra completava seu curso preparatório, com o maior prêmio que possa coroar os esforços de um moço. O velho, sabendo que o sonho do filho era ser médico, chamou-o, abriu-se com ele,

informando-o da resolução que havia tomado, única compatível, disse, com a sua honra, e concluiu por lhe declarar que, embora tivesse de fato com que mantê-lo no curso superior, sua consciência não lhe permitia fazê-lo, porque tudo o que tinha em seu nome era um verdadeiro empréstimo, depósito sagrado.

Estimulado por esse rasgo de probidade, Bezerra de Menezes fez voto de ser digno de tão nobre pai; e com a quantia de quatrocentos mil reis, que seus parentes lhe deram para custear a viagem, partiu, em 5 de fevereiro de 1851, quando contava 19 anos e meio de idade, para a Corte, a fim de fazer seu curso médico.

Aqui aportou, dispondo apenas de dezoito mil reis, importância essa que mal lhe daria para se manter por alguns dias. Em compensação, porém, possuía um patrimônio que muito lhe valeu na vida: o da coragem e o da força indômita para a luta. E foi lutando heroicamente, dando lições para se manter e pagar as taxas do curso acadêmico, estudando nas Bibliotecas Públicas, que aquele rapaz de olhos esmeraldinos conseguiu, em 1856, doutorar-se em Medicina, obtendo em todos os anos do curso-a nota *óptima cum laudæ*

Para seu doutoramento, defendeu a tese *Diagnóstico do Cancro*. Essa tese, conforme registrou o *Dicionário Bibliográfico Português, de Inocêncio Francisco da Silva, é seguida de algumas proposições sobre as matérias de que se compõe o ensino médico.*

Em tomo da vida de Bezerra formaram-se muitas lendas, lendas, sim, porque a elas falta a prova da veracidade. Embora exaltem a formosura de seu coração e expressem realmente a grandeza de seu Espírito e reflitam, sob a forma sugestiva, SUEIS atitudes, seus gestos e ações de todas as horas, a elas não nos referiremos.

Uma delas existe, porém, com certo viso de veracidade, perfeitamente aceitável, pois encontra apoio em nossa Doutrina, mormente quando não desconhecemos que o querido Bezerra possuía dons medianímicos.

Quem no-la relata é o saudoso espiritista, muito culto, palavra evangélica e agradável, escritor primoroso, Leopoldo Cime. Ouçamo-lo:

"Emigrado pobre de sua província natal, o Ceará, para fazer na capital do Império o curso médico, applicava-se a lecionar humanidades, a fim de poder com seus produtos custear os estudos e a subsistência própria.

"Numa ocasião em que se achavam totalmente esgotados os recursos, de par com a urgência de pagar o aluguel da casa e acudir a outras necessidades inadiáveis, reclinado em sua rede, sem grem-des sobressaltos, mas seriamente preocupado com a solução do caso, dava tratos à imaginação, em procura dos meios com que sair da dificuldade, quando ouve bater à porta. Era um desconhecido, que vinha nominalmente procurá-lo, e que, depois, ajustando um certo número de lições de determinadas matérias, tira do bolso um maço de cédulas e paga antecipadamente o preço convencionado, ficando igualmente combinado para o dia

seguinte o início das aulas. Radiante com a inesperada e providencial visita, Bezerra de Menezes solveu os seus compromissos e ficou a esperar, no prazo estipulado, o novo aluno.

"Mas nem no dia seguinte nem nunca mais Ihe tomou este a aparecer. Foi, pois, uma visita misteriosa.

"Intervenções da mesma natureza, posto que não revestidas de cunho misterioso idêntico, se haviam de reproduzir no curso de sua vida, quando, em mais de uma ocasião, faltando-lhe o necessário para as despesas indispensáveis, longe de se perturbar, sentava-se à mesa de trabalho e punha-se tranqüilamente a escrever. Aparecia-lhe sempre um consulente que, atendido, Ihe deixava os recursos de que necessitava e que, em serena confiança na Providência Divina, tinha a certeza de que Ihe não faltariam."

Fatos semelhantes existem relatados nas obras espíritas. Em a *Revue Spirite*, fevereiro de **1859**, Allan Kardec publicou um artigo intitulado "Os Agêneres", no qual nos conta o caso da materialização de um Espírito, nestes termos:

— "Uma pobre mulher achava-se na igreja de Saint-Roch e orava, pedindo o auxílio de Deus para sua miséria. Ao sair da igreja, na rua Saint-Honoré, encontrou ela um senhor que Ihe dirigiu a palavra, dizendo-lhe:

— Boa mulher, gostaria você de encontrar trabalho?

— Ah! meu bom senhor, disse ela, estou rogando a Deus que mo faça encontrar, porque sou muito inéeliz.

— Pois bem! Vá a tal rua, número tanto; você pedirá a Mme. F... ela lho dará.

Dito isso prosseguiu ele seu caminho. A pobre partiu logo para o local indicado.

— Com efeito, eu tenho que mandar fazer um trabalho, — disse a Sra. em questão — porém, como foi que você me veio procurar?

Vendo então um retrato pendente da parede, a pobre respondeu:

— Minha senhora, quem me mandou aqui foi aquele senhor.

— Aquele senhor! — exclamou a senhora com espanto — mas isso não é possível; este retrato é de meu filho, morto há três anos.

— Não sei como se deu isso, mas asseguro-vos que foi aquele senhor que encontrei, quando eu saía da igreja, onde fui rogar a Deus que me ajudasse; ele me falou e foi realmente ele quem me mandou aqui."

Na Bíblia, entre muitos casos de agêneres, existe um que é clássico, o do anjo de Tobias.

Leopoldo Cirne, que privou com Bezerra de Menezes, tomando parte em seus trabalhos práticos, na Federação Espírita Brasileira, da qual era vice-presidente, recorda-nos dois fatos muito sugestivos, e que precisam conhecidos:

"Pelo órgão de um médium em transe sonambúlico, vinha-se manifestando, durante duas ou três sessões, um Espírito possuidor de vastos conhecimentos científicos e com o qual se empenhava Bezerra de Menezes em erudita justa, com o fim de demonstrar-lhe a existência de Deus, que o seu interlocutor impugnava.

No último encontro, esgotado o vasto arsenal de erudição com que o tentara convencer, volta-se para os companheiros, confessando-lhes humildemente a tristeza que sentia pelo que interpretava como sua própria deficiência intelectual e, em consequência, pela inutilidade dos seus esforços de persuasão. Convida-os, como último argumento, a orar, e consulta o Espírito se os quer acompanhar na prece. Irredutível, observa este que em tal não acredita, mas não se opõe a que o façam outros.

"Terminada a prece, feita com tão comovedora unção que as lágrimas brotavam de todos os olhos, volta-se para o Espírito para dirigir-lhe novamente a palavra, mas é por ele obstado com essa frase, que exprime tudo: "Basta! Para que vocês orem desse modo, é preciso que Deus exista." E retirou-se do médium. Tal deslumbramento, sem dúvida, havia produzido aquele ato majestoso — elo supremo e que liga a criatura ao Criador — que a Entidade recalcitrante se teria sentido abalada, quando não deveras convertida.

"Ocorreu um outro fato em sessão realizada para a cura da obsessão que vinha padecendo uma pobre moça. Bezerra de Menezes, com eloqüente e persuasiva dialética, pusera em ação todos os recursos do seu altíssimo sentimento, convidando o Espírito obsessor a renunciar aos seus funestos propósitos de vingança, e, tão paternal e amorosamente se esforçava pelo convencer, que, afinal, desarmado em seu ódio, tocado em sua sensibilidade, o obsessor explodiu nesta comovida e sincera confissão: "Velhinho Santo, o que me convenceu não foram as suas palavras: foi o seu sentimento!" E a cura de fato se consumou."

F. Acquarone, estudando a vida de Bezerra, em conferência pronunciada nesta Capital, — e depois publicada em livro, com o título *Bezerra de Menezes, o Médico dos Pobres* —, disse que um amigo desse grande missionário perguntou-lhe, certa feita, se gostava de música, a que ele respondeu: — É o maior encanto para mim, a música...

- E por que não vais à companhia lírica? A temporada tem estado brilhante!
- Não posso; os meus doentes não me dão tempo de ouvir as harmonias líricas...
- Mas, assim, em pouco estarás embrutecido.
- Nem tanto, meu amigo. Isto me traz a vantagem de ouvir as harmonias do coração, que é a música mais linda que há no mundo.

*

Como praticante e interno do Hospital da Misericórdia, para onde entrara em novembro de **1852**, granjeou a estima e a confiança do velho e sábio professor de clínica cirúrgica, o conselheiro Doutor Manuel Feliciano Pereira de Carvalho, que lhe passava os seus doentes.

Por esse modo, antes mesmo de se formar, já era muitíssimo conhecido do público.

Tendo o governo reformado o corpo de saúde do Exército, nomeando cirurgião-mor o conselheiro Manuel Feliciano, este o propôs em **1857**, para seu

assistente, com a patente de cirurgião-tenente, cujos vencimentos lhe permitiram manter seu consultório.⁷

Ainda em **1857** apresentou ele uma Memória à Academia de Medicina, que lhe mereceu um voto de louvor daquela sábia corporação e o título de membro efetivo; e, a seguir, foi eleito para o cargo de redator dos Anais, cargo de que se exonerou depois de quatro anos de exercício, e isso por não mais lhe permitirem suas ocupações.

Em **6** de novembro de **1858**, casou-se com a Sra. Maria Cândida de Lacerda, que faleceu a **24** de março de **1863**, deixando-lhe dois filhos.

Vivia o Dr. Bezerra inteiramente preocupado com seus doentes, quando, em **1860**, os moradores da freguesia de São Cristóvão, onde residia e clinicava, foram procurá-lo para que ele os representasse na Câmara Municipal.

For duas vezes, desculpou-se, em face de seus intensos trabalhos clínicos, e, principalmente, pelo fato de lhe ter pedido seu venerando pai, já falecido, que nunca se envolvesse em política. Mas voltaram à presença dele, apelando para o seu patriotismo.

Cedeu a esse apelo e, contrariado, permitiu fosse seu nome incluído na "lista de candidatos & ve-reança", organizada pelo Partido Liberal, cujas ideias, herdadas de seu pai, acariciava em seu espírito.

Foi eleito, apesar de homem novo em política.

Aconteceu, porém, que o chefe conservador na Câmara, o Dr. Haddock Lôbo, impugnou sua eleição pela simples razão de ele ser médico militar.

Com a sua exclusão e a do seu companheiro de chapa, o tenente-coronel Frias de Vasconcelos, o partido liberal, vencedor nas urnas, ficaria em xni- . noria na Câmara.

O Dr. Bezerra de Menezes não vacilou; pediu a sua exoneração do lugar de assistente do cirurgião-mor. Foi este o seu primeiro sacrifício em favor do partido.

Empossado no cargo de vereador, em **1861**, viu-se na obrigação de abrir luta contra o chefe adverso, e tão vantajosamente se bateu que, em **1863**, aquele chefe se retirou da Câmara com todos os seus companheiros de chapa e de ideias políticas.

Nas funções de vereador, prestou relevantes serviços ao município que o elegera. Basta ligeira leitura das atas dos trabalhos daquela corporação para se constatar o grande número de propostas e pareceres de sua autoria.

No que, porém, mais se distinguiu, foi em impedir, tanto quanto possível, as invasões do poder central nas prerrogativas e direitos da municipalidade. Em razão dessa sua -atitude, foi por duas vezes suspenso e processado; uma em **1863**, por não ter reconhecido a competência do ministro do Império para criar

⁷ (1) A sua nomeação, porém, sé foi feita em **1858**.

regulamentos destinados à repartição municipal do matadouro; e outra, em **1873**, por ter sustentado, contra o governo imperial, o direito municipal para a concessão de linhas de trilhos urbanos.

O primeiro daqueles dois fatos retirou-lhe a consideração dos chefes superiores do partido liberal, que, levados por falsas conveniências partidárias, sustentaram o ato arbitrário do ministério Olinda, iniciador da nova situação; mas, em compensação, deu-lhe o favor da massa do partido liberal da Corte, que o colocou à sua frente, e nunca mais deixou de lhe dar inequívocas provas de estima e confiança.

Foi assim' que, em **1864**, esse partido lhe deu uma votação estrondosa, reelegendo-o, apesar do combate promovido pelos adversários e por aqueles chefes superiores de seu próprio partido.

Sua popularidade crescia de dia para dia, o que lhe propiciou ser eleito, em **1867**, deputado geral pelo distrito da Corte, tendo de vencer, não só os naturais adversários, como o governo e os chefes de seu partido, pois todos tinham candidatos para guerreá-lo.

Se na Câmara Municipal o Dr. Bezerra de Menezes conquistou os foros de inteligente, ilustrado, ativo e honesto, embora atacado pelos inimigos que criou por não contemporizar com pretensões mal fundadas, na Câmara dos Deputados fez seu nome conhecido do País, acompanhando a oposição ao ministério Zacarias, contra o qual levantou muitas vezes sua voz, ferindo-o profundamente.

A Câmara dos Deputados foi dissolvida em **1868**, por efeito da ascensão, ao poder, do Partido Conservador; o Dr. Bezerra de Menezes não aproveitou o tempo de que então dispunha para descansar, ou cuidar de seus negócios particulares, mal amparados em razão da sua dedicação aos negócios públicos, pelos quais perdeu clínica e fortuna.

Durante os dez anos de domínio conservador, seu partido o viu sempre incansável a lutar, quer nos comícios, quer na imprensa, tendo sido um dos redatores da *Reforma*, órgão liberal da Corte.

Retirou-se por algum tempo da política, mas para servir ao País, criando a Companhia de Estrada de Ferro Macaé a Campos, a mais importante via férrea da província do Rio de Janeiro, o que levou a efeito, vencendo dificuldades de todo o gênero.

Mal descansado de tão árdua missão, empenhou-se logo na da criação de outra companhia para a construção da via férrea de Santo Antônio de Pádua, verdadeiro prosseguimento da Macaé a Campos, pois que seu plano era levá-la até o Rio Doce, possibilitando que Minas Gerais tivesse, por esse modo, um porto marítimo.

Rivalidades, movidas por interesses pessoais, tolheram-no no desenvolvimento daquele grandioso plano, cuja execução ficou frustrada pela retirada do Dr. Bezerra de Menezes da direção daquelas companhias.

Devemos salientar, neste passo, que a fortuna de que era detentor Bezerra de

Menezes foi fruto exclusivo da exploração normal da Estrada de Ferro Macaé a Campos, a qual, por fim, veio a tornar-se verdade^o sorvedouro de seus bens, de vez que, por má-vontade e perseguição do governo imperial, em virtude da independência de caráter do ilustre brasileiro, foram-lhe negados todos os meios de desenvolvimento da empresa, obrigando-o a sacrifícios tais, que sua fortuna ficou completamente arruinada.

Outra, porém, muito maior do que essa, poderia, entretanto, é certo, ter o Dr. Bezerra de Menezes acumulado em trinta anos de clínica, se sua alma de escol pudesse, um momento sequer, ter a preocupação de acumular bens.

Para maior realce de sua virtude, mister se fazia que a fortuna um dia lhe tivesse sorrido na vida, no propósito de seduzi-lo.

Seu espírito, porém, pairava sempre acima dos bens efêmeros do mundo, e tanto isso é verdade que, dispondo de todos os elementos para reconquistá-la, mostrou, a todas as horas, sua completa indiferença, para se dedicar única e exclusivamente ao exercício de seu sacerdócio médico e repartir a caridade por todos os infelizes.

Pobre e carregado de família, pois que novamente se casara, em **21** de janeiro de **1865**, com a Sra. D. Cândida Augusta de Lacerda Machado, irmã materna de sua primeira mulher, e de quem teve sete filhos, o Dr. Bezerra de Menezes ainda assim não recuou; e, sendo escolhido por seu partido, e pela quarta vez, para membro da chapa de vereadores no exercíciô de **1876 -1880**, foi novamente candidato, obtendo grande triunfo.

Eleito presidente da Câmara, nesta última eleição municipal, foi eleito, também, deputado geral pela Corte e província do Rio de Janeiro.

Na municipalidade foi sempre o Dr. Bezerra de Menezes o centro e a alma da reorganização e da restauração das finanças municipais, sofrendo, apesar disso, e talvez, por isso, as mais torpes e violentas acusações, a par das maiores ingratidões de seus correligionários do poder.

Os chefes do partido em oposição ao Dr. Bezerra de Menezes nomearam, muitas vezes, comissões para fiscalizar o seu procedimento nos cargos de que era investido, delas, porém, sempre saiu com o seu caráter ímpoluto, imaculado.

Prezalindo Levy Santos escreveu, quando ainda vivia Bezerra de Menezes: "a maior prova da importância política do Dr. Bezerra de Menezes está exatamente nos contínuos e violentos ataques que lhe dirigiam, não tanto os seus adversários, mas alguns dos seus próprios correligionários, ciosos do incontestável prestígio e da justa influência de que ele gozava na capital do Império.

"Liberal sincero, mas moderado em seus sentimentos políticos, tolerante ainda mesmo para com seus adversários, e principalmente dedicado às instituições do País, o Dr. Bezerra de Menezes soube manter-se em altura condigna à sua honra e probidade, e a sua benéfica influência foi uma garantia para a ordem pública e poderoso elemento de força e de triunfo para o seu

partido.”

Pugnava Bezerra no sentido de ser assegurado ao povo em geral o direito à instrução, porque, como disse alguém, no dia em que a Humanidade inteira souber ler e escrever, haverá menos criminosos e menos tiranos; que, para se fechar em presídios, devemos abrir escolas, e para derrubar tiranos é indispensável fundarem-se jornais!

Bezerra estava perfeitamente ciente de que a riqueza intelectual é, depois da virtude, o primeiro dos bens, e que, sob o ponto de vista econômico, é a riqueza mais produtiva, porque cambiável para outros planos da vida.

Como psicólogo, estava a par de todas estas verdades substanciais, sentia que a guerra, embora em tempos idos tivesse de algum modo servido para a aproximação dos povos, hodiernamente, no entanto, já não mais era possível admiti-la, pois que repugnavam às consciências cristianizadas esses atos de tamanha brutalidade criminosa perante as sábias leis divinas. E dizia ele: “Se todas as . nações civilizadas capricham em fazer códigos que cerquem o *direito* de garantias contra a força, por que não se ligarem na resolução de fazerem um código que cerque de garantias o seu próprio *direito*, um código internacional, o Código da Paz?”

“Só assim teremos o verdadeiro equilíbrio social e humano, só assim seremos verdadeiramente povos civilizados, só assim lançaremos, com segurança, a semente da confraternização universal, o grande fim para o qual, providencialmente, caminham os povos, e cujo coroamento depende, na Terra, do progresso.

“Fazem-se congressos para estatuir leis internacionais, como, por exemplo, a do bimetalismo, e por que então as nações não se congregam para estabelecerem o Código da Paz e um tribunal que resolva as contendas internacionais, estabelecendo penalidades para os que se não sujeitarem às suas decisões?”

“Constituído o tribunal, deve-se estatuir o desarmamento de todas as nações, e as nações desarmadas não terão prurido belicoso.”

Em nossos dias, já vislumbramos a concretização de tão nobres ideias, com a criação desse tribunal que é o da Organização das Nações Unidas, claudicante ainda, é bem verdade, mas que, naturalmente, aos poucos se tomará mais forte, impondo-se ao concerto das nações civilizadas.

Não faz muitos anos, William Thomas Stead, grande jornalista inglês, conhecido mesmo como o pai do jornalismo, homem de grande reputação internacional, ao participar da célebre Conferência da Paz (1907), realizada em Haia, levava, em sua pasta, para serem apreciadas pelos senhores congressistas, as mesmas ideias, e diremos até, idênticas providências que, como medida acauteladora da paz, deveriam ser postas em prática, tal como preconizara Bezerra de Menezes.

Rui Barbosa, nome sobejamente conhecido em nosso país, e que tanto enalteceu

o Brasil pela sua brilhante atuação naquela Conferência, pregava com entusiasmo essas ideias.

Eram Espíritos afins, que vieram sob o pálio do amor, desse amor ensinado por Jesus-e que não se coaduna, absolutamente, com tudo o que possa contrariá-lo em sua expressão divina.

Seus pensamentos e suas ideias, portanto, tinham de coincidir, e daí serem eles formalmente contrários às guerras, à pena de morte, destacando-se, no cenário do mundo, como incansáveis pro- pugnadores do desarmamento das nações, tendo em vista que todas as que se armam furiosamente, gastando, para isso, somas fabulosas, desviadas dos bens públicos, são fontes permanentes de apreensões e desassossegos!

*

Tinha Bezerra perfeita visão de estadista, de político na verdadeira acepção do termo; estudava com carinho os grandes problemas nacionais, e certa vez, desalentado em face das tricas da política municipal, exclamou, com a franqueza e a lealdade que lhe eram características: — “Tu, meu querido Brasil, tens andado sem leme e sem bússola, precisamente porque nunca tiveste, e tão cedo terás, em sua verdadeira base, a municipalidade.” E o brilhante jornalista e homem de letras, Tnrrinhcin Mendes, referindo-se justamente a essa passagem, disse, através de **Reformador** de 1955, “que desfraldara Bezerra, assim, a bandeira do municipalismo⁸, em que via o caminho mais seguro para a felicidade do país. Sua alma vivia embebida de amor pelo Brasil e de amor pela Humanidade.”

*

Pois bem, no altç posto de Presidente da Câmara Municipal da Corte, encerrou ele suas atividades políticas, atividades essas que estiveram exclusivamente a serviço da Pátria e de todos os brasileiros. É que nesse momento seu Espírito intuitivamente começava a preparar-se para a grande luta que teria de sustentar e da qual lhe falara o anjo Ismael.

Nesta altura, será interessante conhecermos a evolução religiosa, digamos assim, de Bezerra de Menezes e, para isso, nada melhor do que nos reportarmos às suas próprias declarações feitas em 15 de outubro de 1892 e publicadas em *Reformador* do mesmo ano, neste termos:

“Nasci e criei-me, até aos 18 anos, no seio de uma família tradicionalmente católica, que levava a sua crença até à aceitação de um absurdo, por mais repugnante que fosse, imposto à fé passiva dos crentes, pela Igreja Romana.

Aprendi aquela doutrina e acostumei-me às suas práticas, mas empiricamente, sem procurar a razão da minha crença.

8 (1) Nota do Autor — Sistema de administração que atende especialmente à organização e às prerrogativas dos municípios. Descentralização da administração pública, em favor dos municípios.

Dois pontos, entretanto, me apareciam luminosos no meio daquela névoa; eram: a existência da alma, responsável por suas obras, e a de Deus, criador da alma e de tudo o que existe.

Ao demais, eu considerava sagrado tudo o que meus pais me ensinavam a crer e a praticar: a religião católica, apostólica, romana.

Aos **19** anos, e naquela disposição de espírito, deixei a casa paterna, para vir fazer meus estudos na capital do Império, onde vivi, mesmo no tempo de estudante, sobre mim, sem ter a quem prestar obediência.

Continuei na crença e práticas religiosas que eu trouxe, do berço, mas, na convivência com os moços, meus colegas, em sua maior parte livres pensadores, ateus, comecei batendo-me com eles — e acabei concorde com eles, parecendo-me excelso não ter a gente que prestar conta de seus atos.

Não foi difícil esta mudança, pela razão de não ser firmada em fé raciocinada a minha crença católica; mas, apesar disto, a mudança não foi radical, porque nunca pude banir de todo a crença em Deus e na alma.

Houve em mim uma perturbação, de que nasceu a dúvida. Fiquei mais céptico do que cristão — e cristão somente por aqueles dois pontos.

Em todo o caso deixei de ser católico — e via os meus dois pontos luminosos por entre as nuvens.

Casei-me com uma moça católica, a quem amava de coração — e sempre respeitei suas crenças, guardando nos seios da minha alma a descrença.

No fim de quatro anos, fui subitamente batido pelo tufão da maior adversidade que me podia sobrevir: minha mulher me foi roubada pela morte, em **20** horas, deixando-me dois filhinhos, um de **3** anos e outro de **1**.

Aquele fato produziu-me um abalo físico e moral, de prostrar-me.

As glórias mundanas, que havia conquistado mais por ela que por mim, tomaram-se-me aborrecidas, senão odiosas, e, como delas, coisas da terra, eu não via nada, nada encontrei que me fosse de lenitivo a tamanha dor.

Sempre gostei de escrever, mas inutilmente tentava fazê-lo, porque, no fim de poucas linhas, tédio mortal se apoderava de mim.

A leitura foi sempre a minha distração predileta, mas dava-se a este respeito o mesmo que a respeito de escrever: abria um, outro, outro livro sobre ciência, sobre literatura, sobre o que quer que fosse, mas não tolerava a leitura de uma página sequer.

Um dia, meu companheiro de consultório trouxe da rua um exemplar da Bíblia, tradução do padre Pereira de Figueiredo, entressachado de estampas finíssimas.

Tomei o livro, não para ler, que já não tentava semelhante exercício, mas para ver as estampas, com verdadeira curiosidade infantil.

Passei todas em revista, mas, no fim, senti desejo de ler aquele livro que encerrava minhas perdidas crenças, e também porque era vergonha para um homem de letras dizer que nunca o lera.

Comecei, pois, e esqueci-me a ler o belo livro, até perder a condução para minha casa; e, depois que cheguei à residência, sentia prazer em pensar que voltaria a lê-lo!

Eu mesmo fiquei surpreendido do que se passava em mim!

Li toda a Bíblia e, quanto mais lia, mais vontade tinha de continuar, fruindo doce consolação com aquela leitura.

Quando acabei, eu sentia a necessidade de crer, não nessa crença imposta à fé, mas numa crença firmada na razão e na consciência.

Onde lhe descobrir a fonte?

Atirei-me à leitura dos livros sagrados, com ardor, com séde; mas sempre uma falha ao que meu espírito reclamava.

Começaram a aparecer as primeiras notas espíritas no Rio de Janeiro; mas eu repelia semelhante doutrina, sem conhecê-la nem de leve! somente porque temia que ela perturbasse a tal ou qual paz que me trouxera ao espírito a minha volta à religião de meus maiores, embora com restrições.

Um colega⁹, porém, tendo traduzido *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, fez-me presente de um exemplar, que aceitei, por cortesia.

Deu-mo na cidade, e eu morava na Tijuca, a uma hora de viagem de bonde.

Embarquei com o livro, e, não tendo distração para a longa e fastidiosa viagem, disse comigo: ora, adeus! não hei de ir para o inferno por ler isto; e, depois, é ridículo confessar-me ignorante de uma filosofia, quando tenho estudado todas as escolas filosóficas.

Pensando assim, abri o livro e prendi-me a ele, como acontecera com a Bíblia.

Lia, mas não encontrava nada que fosse novo para o meu espírito, e entretanto tudo aquilo era novo para mim!

Dava-se em mim o que acontece muitas vezes a quem muito lê, e que um dia encontra uma obra onde se lhe deparam ideias, que já leu, mas que não sabe em que autor.

Eu já tinha lido e ouvido tudo o que se acha em *O Livro dos Espíritos*, mas eu tinha a certeza de nunca haver lido obra alguma espírita, e, portanto, me era impossível descobrir onde e quando me fora dado o conhecimento de semelhantes ideias!

Preocupe-me seriamente com este fato que me era maravilhoso e a mim mesmo dizia: parece que eu era espírita inconsciente, ou, como se diz vulgarmente, de nascença, e que todas essas vacilações que meu espírito sentia eram marchas e contramarchas que ele fazia, por descobrir o que lhe era conhecido e, porventura, obrigado a isto.

Eis o que fui e em que crença vivi, até que me tornei espírita.

Apesar de convencido da verdade do Espiritismo, eu nunca tinha assistido, nem

◦ (1) Dr. Joaquim Carlos Travassos. (Vide sua biografia em Reformador de 1952.)

tentado assistir a qualquer trabalho experimental, confirmativo sequer da comunicação dos Espíritos.

Tendo sido atacado de dispepsia, que me reduziu a um estado desesperador, sem que me tivesse proporcionado o menor alívio a medicina oficial, apesar de ter eu recorrido aos mais notáveis médicos desta capital, resolvi, depois de um sofrimento de cinco anos, recorrer a um médium receitista, em quem muito se falava, o Sr. João Gonçalves do Nascimento.

Eu não acreditava nem deixava de acreditar na medicina medianímica, e confesso que propendia mais para a crença de que o tal médium era um especulador.

Em desespero de causa, porém, eu recorreria a ele, mesmo que soubesse ser um curandeiro.

Tentava um recurso desesperado, e fazia uma experiência sobre a mediunidade receitista.

Era preciso, porém, visto que se tratava de uma experiência, que eu tomasse todas as cautelas, para que ela me pudesse dar uma convicção fundada.

Combinei com o Dr. Maia de Lacerda, completamente desconhecido do tal médium, ser ele que fizesse pessoalmente a consulta, recomendando-lhe que assistisse ao trabalho do médium, enquanto este escrevesse, e pedisse-lhe o papel, logo que acabasse de escrever; porque bem podia ter ele um médico hábil, por detrás do reposteiro, que lhe arranjasse aquelas peças.

É verdade que um médico, não sabendo de quem se tratava, visto que só se dava ao médium o nome de batismo e a idade dos consulentes, não podia adivinhar-lhe os sofrimentos, mas, em todo o caso, eu queria ter a certeza de que era exclusivamente do médium, homem completamente ignorante de medicina.

O Dr. Lacerda fez como lhe recomendei, e trouxe-me o que, a meu respeito, escreveu o médium, que não podia reconhecer-me por meu nome próprio, "Adolfo", não só porque há muitas pessoas com este nome, como porque sou conhecido geralmente por Bezerra de Menezes, e bem poucos dos que não entretêm relações íntimas comigo sabem que me chamo Adolfo.

Tomei o papel, que dizia:

"Ô teu órgão, meu amigo (era o Espírito que falava ao médium), não é suficiente para satisfazer este consultante, em vista das circunstâncias de sua elevada posição social (eu era membro da Câmara dos Deputados) e principalmente de sua proficiência médica.

"Entretanto, como não dispomos de outro, faremos com ele o mais que pudermos.

"Vejo no organismo do consultante..se- guia-se uma descrição minuciosa de meus sofrimentos e suas causas determinantes, tão exatos aqueles, quanto perfeitamente fisiológicas estas.

Não posso descrever o abalo que me produziu este fato estupendo!

Segui o tratamento espírita, e o que os mestres da Ciência não conseguiram em cinco anos, Nascimento obteve em três meses.

Em três meses, eu estava completamente curado; estava forte, comia e dormia perfeitamente bem, era um homem válido, em vez de um valetudinário.

Logo após este fato, deu-se o de ser minha segunda mulher condenada como tuberculosa em segundo para terceiro grau, por importantes médicos, e dizer Nascimento, a quem consultei, com as precisas cautelas para ele não saber de quem se tratava:

— “Enganam-se os médicos que diagnosticaram tuberculose (quem lhe disse que os médicos haviam feito tal diagnóstico?).

— “Esta doente não tem tubérculo algum. Seu sofrimento é puramente uterino, e, se for convenientemente tratada, será curada.

— “Se os médicos soubessem a relação que existe entre o útero, o coração e o pulmão esquerdo, não cometeriam erros como este.”

Sujeitei a minha doente, que já tinha febres, suores e todos os sinais da tísica em grau avançado, ao tratamento espírita, e em poucos meses tudo aquilo desapareceu, e já são decorridos dez anos, durante os quais ela tem tido e criado quatro filhos, sem mais sentir nenhum incômodo nos pulmões.

Como resistir à evidência de fatos tais?

Depois deles comecei as investigações experimentais sobre os vários pontos da doutrina, e posso afirmar, daqui, que tenho verificado, quanto é permitido ao homem alcançar em certeza, a perfeita exatidão de todos os princípios fundamentais do Espiritismo.

Não cabe num trabalho desta ordem referir o resultado experimental alcançado sobre cada um, e por isto me limito a dizer:

O Espiritismo é para mim uma ciência, cujos postulados são demonstrados tão perfeitamente como se demonstra o peso de um corpo.

*

Nada me impressionou mais do que ver um homem, sem conhecimentos médicos e até sem instrução regular, discorrer sobre moléstias, com proficiência anatômica e fisiológica, sem claudicar, como bem poucos médicos o podem fazer. Mais do que isto, porém, é, para impressionar, ver dizer um indivíduo, que não se conhece, que não se examina, de quem não se colhem sequer informações, e não se sabe senão que idade — dizer, em tais condições, que sofre de tais moléstias, com tais e tais complicações, por tais e tais causas, e confirmar o diagnóstico pelo resultado eficaz do tratamento aplicado naquele sentido.

Tive, porém, de minha experiência pessoal, outro fato que muito me impressionou.

Eu estava em tratamento com o médium receitista Gonçalves do Nascimento, e este costumava mandar-me os vidros, logo que eu acabava uma prescrição, por

um primo meu, estudante de preparatórios, que morava em minha casa, na Tijuca, a uma hora de viagem da cidade.

Meu primo costumava, sempre que me trazia os remédios (homeopáticos) da casa do Nascimento, entregar-me os vidros em mão, e nunca, durante três meses que já durava meu tratamento, me trouxe do médium recado por escrito, senão simplesmente os vidros de remédios, tendo no rótulo a indicação do modo pelo qual devia ser tomado.

Um dia, deixei de ir à Câmara dos Deputados, de que fazia parte, e, pelas duas horas da tarde, passeava, na varanda, lendo uma obra que me tinha chegado às mãos, quando me apareceu um vizinho, o Sr. Andrade Pinheiro, filho do Presidente da Relação de Lisboa, e moço de inteligência bem cultivada.

O Sr. Pinheiro não conhecia o Espiritismo, senão de conversa, e como eu fazia experiência em mim, ele aproveitava a minha experiência, para fazer juízo sobre a verdade ou falsidade da nova Doutrina.

Depois dos primeiros cumprimentos, perguntou-me como ia eu com o tratamento espírita.

Respondi-lhe com estas palavras: "Estou bom; sinto apenas uma dorzinha nos quadris e uma fraqueza nas coxas, como quem está cansado de andar muito."

Conversamos sobre o fato de minha cura em três meses, quando nada alcancei com a medicina oficial, em cinco anos, e passamos a outros assuntos, até que, uma hora pouco mais ou menos depois, entrou meu primo com os vidros de remédios e com um bilhete, escrito a lápis, que me mandava Nascimento, e que dizia:

"Não, meu amigo, não estás bom como pensas.

"Esta dor nos quadris, que acusas, esta fraqueza das coxas, são a prova de que a moléstia não está de todo debelada.

"És médico e sabes que muitas vezes elas parecem combatidas, mas fazem erupções, porventura perigosas.

"Tua vida é necessária; continua teu tratamento."

É fácil compreender a surpresa, a admiração, o abalo profundo que produziu na minha alma um fato tão fora de tudo o que tinha visto em minha vida.

Repetiram-se, da cidade, textualmente, as minhas palavras, como só poderia fazer quem estivesse ao alcance de ouvi-las!

Efetivamente, calculado o tempo que leva o bonde da casa do Nascimento à minha, reconhecemos, eu e Pinheiro, que aquela resposta me fora dada, na cidade, precisamente à hora em que eu respondia, na Tijuca, à interpelação de meu visitante.

Pode haver fatos mais importantes no domínio do Espiritismo; eu, porém, não tive ainda nenhum que me impressionasse como este, e, atendendo-se ao tempo em que ele se deu (quando eu estava sujeitando à prova experimental a nova doutrina), compreende-se que impressão poderia causar-me.

Creio que se eu fosse ainda um incrédulo, desses que fecham os olhos para não

ver, ainda assim não poderia resistir à impressão que me causou semelhante fato.
Saulo não teve, mais do que eu teria, razão para fazer-se Paulo.

Influência física, nenhuma senti; porém, moralmente sou outro homem.

Minha alma encontrou finalmente onde pousar, tendo deixado os espaços agitados pelo vendaval da descrença, da dúvida, do cepticismo, que devasta, que esteriliza, que calcina, se assim me posso exprimir, recordando as torturas de quem sente a necessidade de crer, mas não encontra onde assentar sua crença.

E não encontrava onde assentar minha crença, porque o ensino de Jesus — que uma força intrínseca e uma disposição psíquica me levaram a procurar, como o nauta perdido na vastidão dos mares procura o Norte — me era oferecido sob um aspecto impossível de acomodar-se com um sentimento íntimo, instrutivo, exato, que me desse a razão e a consciência de ali estar a verdade; mas a verdade não é aquilo.

Ah! a Igreja Romana! a Igreja Romana!

O Cristianismo nunca terá tão formidável inimigo! O materialismo nunca terá aliado tão prestimoso!

Eu já disse como, antes de aceitar o Espiritismo, vivi a fugir de toda crença religiosa, por não poder aceitar uma que se impõe à fé, por decreto de seus ministros, e a ser arrastado para essa mesma crença, que não podia aceitar, como se mão amiga me arrastasse para o cascalho, dentro do qual estava incrustado o brilhante.

Eu já disse como me abracei com o cascalho para não rolar no abismo da descrença, e como aquela mão me impeliu para ele, quebrou-o a meus olhos, e me fez patente o brilhante nele contido.

Minha alma encontrou finalmente onde pousar!

Posso dizer o meu "credo" espírita, com aplauso de minha consciência, e não por força de uma . autoridade que se arroga o direito de impor a fé!

Nestas condições, tendo encontrado a linfa que me saciou a sede de crer, posso ser mais o que era antes?

A moral cristã, iluminada pelos inefáveis princípios do Espiritismo, não pode deixar de modificar, para melhor, a quem a cultiva não somente por dever, mas também e principalmente por nela ter encontrado a paz do espírito!

Não sou, por minha fraqueza, o que ela deve fazer do coração humano; não me posso julgar, sem incorrer em orgulho ou falsa modéstia; mas posso assegurar que já compreendo os meus deveres para com Deus, para com os meus semelhantes, de um modo diverso, acentuadamente mais elevado, que antes de ser espírita.

Julgo, pois, que me é lícito dizer que as novas opiniões acarretaram para mim sensível modificação moral.

E, para confirmá-lo, basta consignar este fato:

Antes de ser espírita, só o pensar em perder um filho, fazia-me mentalmente

blasfemar, punha- me louco.

Depois de espírita, tenho perdido quatro filhos adorados, e depois de criados, louvando e agradecendo ao Pai de amor ter provado, por aquele modo, minha obediência a seus sacrossantos decretos.

Essas as palavras de Bezerra de Menezes, no tocante à evolução de sua crença religiosa.

*

Tal como acontecera com Allan Kardec, logo que soou a hora de iniciar o trabalho em prol do Espiritismo, abandonou o nosso Bezerra de Menezes todas as posições sociais que lhe davam prestígio, honrarias e dinheiro, para ser um apóstolo verdadeiro e dar-se, todo inteiro, à Doutrina, colocando sua vida ao serviço do amor; é que a voz da consciência lhe segredava, a cada instante, que "o amor é o pão divino das almas, o pábulo sublime dos corações".

Seus ouvidos psíquicos ouviam perfeitamente estas palavras do Além:

"Retomai, retornai singelamente ao Cristianismo do *Cristo*, segui-lhe os conselhos fraternais, caminhai *pelas sendas que traçou* e deixai que os orgulhosos fariseus dos vossos dias se escandalizem. Eles falam e procedem *com relação* a vós outros espíritas exatamente como falaram e procederam com relação a Jesus os fariseus de outrora. Deixai se escandalizem^ porquanto também serão forçados a abandonar suas tradições e a voltar para aquela lei, mãe de todas as virtudes. Preservai-vos de tudo o que vos possa sujar. Não pronuncieis nenhuma palavra, não pratiqueis ato algum que a vossa consciência condene, ainda que muito ligeiramente.

Não vos entregueis a nenhum pensamento mau. Conduzi-vos com simplicidade, tirando boas coisas do bom tesouro do vosso coração e repartindo-as com os vossos irmãos, a fim de que por toda a parte nasçam abundantes as virtudes e se encham de paz os corações.

"Os hebreus, fazendo um voto ou uma oferenda, podiam dispor, em favor do culto, de uma certa parte de seus bens. Desde então, pretextando que essa parte representava tudo o de que poderiam dispor em benefício de seus pais, consideravam-se dispensados de lhes prestar assistência. Alegavam, para se justificarem, que do que ofereciam ao Senhor os pais aproveitariam sob a forma de bênçãos celestes. Hipocrisia, tanto do ímpio, que *desse modo* profanava a divindade, quanto do sacerdote indigno, que tolerava e animava semelhantes profanações»¹⁰

Tal como Kardec, enfrentou críticas mordazes, torpes insultos, o desprezo das altas personalidades da época, o ridículo, mas sempre calmo, sereno, delicado, respeitoso, porque sua alma, amante dos ensinamentos de Jesus, sabia muito bem que "o amor verdadeiro e sincero nunca espera recompensa", e que, portanto, "a renúncia

¹⁰ (1) Apud Roustalng — "Os quatro Evangelhos" —, II vol., n» 176.SYLV

era o seu ponto de apoio, como o ato de dar era a essência de sua vida".

E dentro de sua fé, Bezerra encontrou sempre conforto espiritual nas horas tristes de seu viver, e em um de seus escritos, no propósito de consolar os que têm a alma apunhalada pela perda de um ente muito querido, cita-nos, então, o que se passou com ele, quando uma filha, que era todo o seu enlevo, o anjo visível da família, partiu para o Além, deixando um vácuo na vida desse querido médico dos pobres. Ouçamo-lo:

"Como é doce, suave e consolador, ter-se, nos momentos angustiosos em que se nos apresenta o drama do passamento de uma filha que foi, na vida, os encantos da família, a ciência certa de que Deus, em sua misericórdia, já lhe tem destinado um lugar entre os que gozam as delícias do mundo dos felizes!

"E não é só para hosanas essa glorificação da alma decaída, que veio à nova vida corpórea para lavar as máculas das passadas culpas.

"Hosanas deve clamar, do seio de suas misérias, aquele que recebeu a graça de lhe ser revelado o futuro do ente querido, não só antes como depois de seu desprendimento.

"Max¹¹ recebeu do Senhor, em depósito, uma alma a quem deu corpo, e que foi, durante 22 anos, o anjo visível da família, o bálsamo da consolação para as dores do pobre velho, um verdadeiro seio de Abraão para todos os que dela se lhe aproximavam.

"Chegou o tempo de lhe exigir o Pai de justiça e de misericórdia o sagrado depósito que lhe confiara, por ser, como disse um Espírito amigo, *fruto maduro, que só esperava ser colhido pela mão bendita do celeste jardineiro*; quer dizer: por tèt aquele Espírito ditoso satisfeito à justiça e merecido a misericórdia do Altíssimo.

"Max, a quem um fraco raio da luz divina já permite divisar, por entre névoas embora, a suprema lei da evolução dos Espíritos, não se revoltou, felizmente, contra a ordem de entregar o caro, o adorado depósito, mas tão ligado se achava a ele, pelos laços de um amor que não pode ser definido pela linguagem humana, que sentiu, à iminência da separação, romperem-se-lhe de dor as fibras do coração.

"Ia entregar o seu tesouro; que seria dele? Era a sua maior preocupação.

"Nesta dolorosa conjuntura, foi-lhe permitido que sua santa mãe lhe viesse dizer:

— *"Se pensas que seja ela a que mais sofre, estás enganada. De momento a momento, seu Espírito ala-se às regiões sempiternas, e de lá volta, cheio de celestes alegrias, a sorver mais uma gota do trevosos cálice que pediu para lição e provação tua."*

"Já era muito para o coração paterno saber que aquelas agonias mortais da filha

¹¹ (1) Pseudônimo Jornalístico de Bezerra de Menezes.

amada foram por ela mesma pedidas quando veio encarnar, e com sublime alegria as recebia. Mas isto não dava descanso às suas preocupações sobre o futuro, sobre a sorte que a esperava além desta vida.

"Ainda aqui se manifestou mais misericordioso o Deus de infinito amor, permitindo que um dos mais excelsos Espíritos, um Espírito que nunca falta onde há uma dor, Romualdo, o ex-arcebispo da Bahia, tão conhecido de todos os grupos espíritas, lhe viesse dizer estas animadoras palavras:

"Está prestes a realizar-se a parábola do filho pródigo.

"Este, porém, não é o filho que volta simplesmente arrependido, e para festejar a vinda do qual o pai mandou matar o carneiro.

"Este vem regenerado, é o carneiro já morto, e o banquete aparelhado, e os amigos convidados.

"Felizes os que entram, limpos, pela porta franca da regeneração, péla qual lhes era vedado entrar com os trajos de trânsfugas.

"Vesti-vos, pois, de galas, ó homens que credes na regeneração do espírito, pois que não é justo chorar na Terra, quando se folga no Céu."

"Foi a sentença de morte, que dissipou as fagueiras esperanças de um restabelecimento ainda julgado possível, mas foi ao mesmo tempo o arco-íris prenúncio de bonança, aurora graciosa de um dia sem noite para o amado Espírito que se debatia com as agonias de cruel moléstia, ao qual aquele amigo, que disse ser ele "fruto maduro", se aplicou este conceito:

"A transfiguração do Cristo foi precedida de suas agonias."

"Como chorar por ver partir o mais amado ente, quando se sabe que vai para uma festa no céu?"

"Max bem sabe que não tem merecimento para tamanha graça, a da revelação do futuro, mas sabe também que amor, amor espiritual, é o elo que liga todas as almas, e explica o fato pela intervenção dos bons Espíritos, que se condoeram de suas mágoas, efeito de puro e santo amor.

"Como quer que seja, o pai, a família, todos os que amavam a enferma e acreditavam no Espiritismo, ficaram sobranceiros às fraquezas da carne, e assistiram, dando louvores a Deus, à transformação da larva em borboleta de asas iriadas ao sol da liberdade, do amor, e do progresso realizado.

"E a enferma, espírita convicta, ciente e consciente de que o Espírito, se não galga de uma vez as cumeadas, que são o alvo de seus esforços, lá chegará, mediante novas tentativas; a enferma encarava, tranqüila em sua fé e animada pela esperança, a aproximação do momento, que é pavoroso para os que têm diante de si o nada, ou a perspectiva do inferno.

"Com o riso nos lábios, disse que era chegada a sua hora, pediu a bênção ao pai." Contou-nos também que certo dia conversava com alguns amigos, asseverando que, com Jesus, todos os nossos sofrimentos são aliviados, e, aludindo ao decesso de sua filha, afirmava que os verdadeiros crentes na vida eterna pouco

ou quase nada sofrem na hora da desencarnação.

Nesse ínterim, um dos presentes, médium psi- cógrafo, deu passividade, de maneira a que ela pudesse transmitir sua mensagem, e, a seguir, passou-a às mãos de Bezerra. Tratava-se de comunicação de sua filha, mensagem esta que ele também reproduziu em uma de suas crônicas domingueiras e que está vazada nestes termos: — “A passagem da vida para a morte, ou antes, da morte para a vida, é apenas uma síncope de cujo despertar se leva mais tempo.

“Agora compreendo que a agonia dos moribundos é apenas sofrimento do Espírito, que não do corpo.

“É o Espírito que receia cair no bártro incompreensível do *nada*, se em coisa alguma acredita.

“É o Espírito que só reconhece o que vê e o que apalpa, e, não tendo mais o corpo material, julga-se perdido.

“Eu, graças a Deus e a ti, sofri apenas o ligeiro abalo que me atirou à outra vida, e parece-me que um escuro véu se rasgou imediatamente de meus olhos, e senti-me nova personalidade.

“Achei-me nos braços de criaturas que jamais julguei poder ver, tão afastada estava delas, por sua elevada hierarquia!

“Encontrei-me entre os que amaste, e que também por mim foram amados desde remotas eras.

“Descobri uma nova família, ou antes, a continuação sucessiva e ininterrompida da que me ficou na Terra.

“Bendita a santa verdade, tão tarde revelada e por tantos escarneçada!

“*Loucos* divinos são os que a ensinam.

“Bendito seja o Senhor.”

*

Comentando os termos dessa mensagem da filha, Bezerra de Menezes escreveu: “Como se vê, desta simples e natural exposição ressaltam altos ensinamentos para os que anseiam luz para as causas desconhecidas dos terrícolas.

“O primeiro é que a criatura chamada homem não acaba com a morte, como pensam os infelizes envolvidos nos meandros desta vida, sem afeiçoarem seus sentimentos e obras às exigências superiores do mais elevado viver.

“Do outro mundo — dizem até mesmo alguns que acreditam na vida futura — ainda ninguém veio dizer alguma coisa.

“Doloroso e cruel o desengano dos que só acreditam no *nada* depois da morte!

“Vivem como os que não têm responsabilidade, além da social, que podem facilmente iludir, e um dia se encontram com a realidade que repeliram como ideias de visionários, e um dia serão obrigados, pela luz vivíssima da verdade a trespassar-lhes o Espírito, como se fosse ferro em brasa, a ter dó de si mesmos, por terem acumulado a maior responsabilidade: a negação dAquele a quem devem o ser!

“Horroroso despertar de um sono deleitável!

"Nem lhes vale a atenuante da ignorância, porque por mil bocas Deus lhes tem feito conhecer as maravilhas de sua criação, e ouvir as vozes, convidando-os a verem e apalparem.

"Esta prova que tivemos, acima transcrita, todos poderão ter. E por que não a procuram?"

"Pensam talvez que, negando o poder de Deus e a sua responsabilidade, Deus deixa de existir, e eles deixam de ter a quem prestar contas!"

"O segundo ensino, que nos dá aquela comunicação, está na morte, que pode ser tanto mais dolorosa quanto mais aferrado estiver o Espírito às coisas materiais, ao passo que mais suave será ela quando o Espírito estiver convencido da vida futura e da existência de Deus, Pai de justiça e de misericórdia.

"Quem só acreditou na matéria, e a vê extinguir-se, vê também próxima a sua própria extinção.

"E como o Espírito, por ser imortal, tem horror à extinção, esforça-se o desgraçado em apegar-se aos últimos liames que ainda o prendem à vida.

"Daí a horrorosa agonia dos incrédulos, daí a serena tranqüilidade dos que têm fé, dos que sabem que a morte é apenas uma porta que separa o mundo material do espiritual: uma síncope de cujo despertar se leva mais tempo."

*

A data de **16** de agosto de **1886** tomou-se memorável na História do Espiritismo no Brasil, por um acontecimento que, nos meios políticos, religiosos e médicos, ecoou de maneira estrondosa, causando mesmo surpresa e desapontamento para muitos, principalmente para os da classe médica. É que numa das costumeiras tertúlias espíritas que então se realizavam no grande salão da Guarda Velha, em que compareceram cerca de duas mil pessoas da melhor sociedade, Bezerra de Menezes, então presente, pedindo a palavra, proclamou solenemente a sua adesão ao Espiritismo. Essa sua filiação, à nova corrente religiosa, foi como uma transfusão de sangue novo para a Doutrina, no Brasil, a qual daí por diante entrou em ritmo mais acélerado.

*

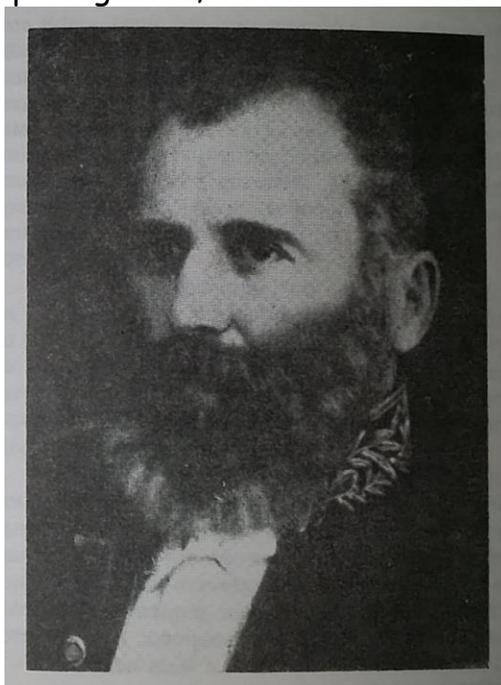
Bezerra de Menezes era incapaz de ofender a quem quer que fosse, preferindo sofrer a fazer os outros sofrerem; suportava, individualmente, todos os doestos, todas as críticas e comentários desfavoráveis à sua pessoa, e até insultos horríveis, chegando a ponto de políticos despeitados, invejosos de seu prestígio no seio das massas populares e também das elites, usarem de baixos expedientes, fazendo publicar, em jornais inescrupulosos, desenhos nos quais apresentavam esse homem de ilibada honestidade como um salteador de estradas!

Era preciso, para tanto, como nos ensina Rousseaui, possuir, como ele possuía, "uma fé viva, ativa e produtiva, que não descoroça com coisa alguma, que nada teme; um amor fecundo, que espalha por toda a terra a semente santa e a force a dar bons frutos; e aqui está para nós a maior dificuldade, estar de posse de uma

abnegação completa, um absoluto esquecimento das ofensas, uma caridade do coração e dos lábios, que não só perdoe, como ainda esqueça que tenha havido ofensa”.

Essas verrinas da má imprensa, que as há em todas as épocas, não conseguiam diminuir o apreço popular pela sua pessoa, e assim é que vamos ver a numerosa colônia portuguesa de então, no desejo de homenageá-lo, incumbir o famoso pintor Augusto Rodrigues Duarte de fazer o retrato, a óleo, desse político ímpoluto, em tamanho natural. Essa magnífica tela, que figurava na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, situada na Praça Floriano, deve continuar a fazer parte da coleção pictórica da hoje Assembleia do Estado da Guanabara.

Encontra-se, na moldura dessa tela, um cartão de prata em que foram gravadas as seguintes palavras: — Tributo do maior respeito e consideração que, em homenagem ao grande talento e honrado caráter do Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, consagram os súditos portugueses, residentes nesta Corte. Rio de



Janeiro, 8 de dezembro de 1879.

Não obstante sua mansuetude, seu espírito fraternalista, por excelência, pronta e decididamente saía à liça, como um leão, quando o Espiritismo era atacado, disposto a derrubar o inimigo, com as armas de sua inteligência, de sua dialética, de seus conhecimentos e de sua indômita coragem. Nessas lutas, pouco se lhe dava que seus contendores ocupassem altos postos na política ou na administração pública, que gozassem do maior prestígio dos poderosos. Colocava, acima de seus interesses pessoais, a defesa do Espiritismo, desde que ela se fizesse necessária.

Quando, por exemplo, no Governo Provisório da República, foi promulgado o Código Criminal do Brasil, condenando as práticas espiritas, Bezerra de Menezes não trepidou, um só instante, em lançar pelas colunas de *O Paiz* o que julgou por

bem expender a respeito dessa falsa e intempestiva apreciação do Espiritismo.

Na impossibilidade de transcrevermos, na íntegra, os vários e longos artigos, comentando e criticando e protestando, pelo fato de se condenar, como asseverou ele, o que não se conhece e nem se deseja conhecer, limitar-nos-emos a transcrever alguns tópicos desses artigos, onde bem se lhe evidencia a coragem e a intrepidez na defesa do Espiritismo.

Pergunta ele:

"Os ilustres autores do Código, sábios em ciências de convenção, que o tempo traz e o tempo leva, que não conhecem patavina de ciências reais, exatas, naturais, estudaram o Espiritismo que condenaram?"

Citou entre mil nomes respeitáveis, como os de Crookes, Wallace, Gibier, Flammarion, Sardou, Zoellner, Victor Hugo, Lincoln, Olinda, Abaeté, José Bonifácio, que procuravam, nas práticas espíritas, a solução dos problemas da nossa ciência, achando, e com razão, inadmissível houvesse alguém, naqueles dias e em documento oficial, que colocasse o Espiritismo no nível da magia e da feitiçaria.

E asseverava Bezerra:

"Estamos convencidos de que o sábio doutor em leis — Antônio Batista Pereira — não se deixou levar por filaciosa jactância, mas sim porque seu espírito (releve falarmos espiriticamente) é, intelectualmente, muito atrasado, requerendo ainda muitas reencarnações para chegar à compreensão das grandes leis do progresso.

"Isto se verifica, lendo-se o famoso Código, que reflete, à simples vista, o atraso de seu autor.

"E a prova, entre inúmeras, está em que o ilustre jurisconsulto inquinou-o da pena de *prisão celular*, ideia medieval, castigo inquisitorial, que já fez seu tempo, e que só um espírito acanhado e retrógrado podia lembrar-se de implantá-lo na legislação hodierna.

"As sociedades modernas procuram, por seus sistemas penais, arrancar do coração do criminoso o sentimento do mal, procuram corrigir e regenerar; e o nosso criminalista só teve em vista, com a tal prisão celular, esmagar o criminoso com o crime."

É Bezerra, depois de afirmar que esse tal Código Penal da República, em confronto com o do Império, estava muito aquém, escreveu:

"Seja como for, prevaleça a Constituição ou o Código, é preciso que o governo brasileiro diga o que pensa e o que quer, na matéria, para que o mundo possa avaliar o grau do nosso progresso, e para que milhões de espíritas saibam se na livre América, no Brasil republicano, há ou falta a tolerância que se encontra amplamente na Velha Europa, em todos os Estados regidos pelo decrépito sistema monárquico e até na Rússia."

Em virtude da atuação veemente de Bezerra, o autor do Código Penal, Dr. Batista Pereira, viu-se forçado a vir a público, no sentido de sustentar a sua obra, utilizando-se das colunas do *Jornal do Commercio*.

Bezerra imediatamente revidou-lhe a argumentação pelas próprias colunas desse jornal, afirmando, entre outras coisas, que esse j mista, apesar de se proclamar bom *cristão*, foi beber instruções espíritas, para justificar sua atitude, nos dicionários de Littré e de Larousse, e diz com muita graça:

"Ora, procurar conhecer o Espiritismo nas obras de positivistas, e por eles firmar opinião, é realmente singular, porque o Dr. Batista Pereira é bem ladino para saber que não é em Renan que se pode apreciar devidamente a grandeza e o real merecimento da vida de Jesus!

"Sabia o ilustre Dr. Batista Pereira que os positivistas repelem o Espiritismo, porque este sustenta a existência do Espírito, e nesta ideia se firma para construir o edifício de toda a sua doutrina.

"Não reconhecendo a essência espiritual, o Positivismo repele por igual a comunicação dos vivos com os mortos, e pela mesma razão a pluralidade de existência da alma, tríplice fundamento da tal *seita mágica*.

"Que se deduz daí? Que o *bom cristão* que aceita a autoridade de positivistas, contra o Espiritismo, aceita-a, *ipso facto*, contra o espiritualismo, e consequentemente contra o próprio Cristianismo, representado pela Igreja!

"Avalie-se, pelo que fica exposto, a desordem que vai pelo cérebro do ilustre autor do Código contra o Espiritismo!"

.

Em **22** de dezembro de **1890**, o Centro Espírita do Brasil dirigiu ao Marechal Deodoro da Fonseca, então primeiro Presidente da República Brasileira, uma representação em que se pedia fossem suprimirins de dois artigos do novo Código Penal a palavra Espiritismo. Encarregaram-se deste trabalho o Dr. Bezerra de Menezes e os Drs. João Carlos de Oliva Maia, Ernesto José dos Santos Silva, Francisco Menezes Dias da Cruz (então Presidente da Federação Espírita Brasileira), e Antônio Luiz Sayão.

Em **10** de agosto de **1893**, foi lida no Congresso Nacional uma representação assinada por alguns espíritas ilustres da época, entre eles o Dr. Bezerra de Menezes, o Dr. Dias da Cruz e o Senador Pinheiro Guedes.

Pedia-se à distinta assembleia reconhecer a in-constitucionalidade do Código Penal na parte relativa ao Espiritismo.

O Presidente do Congresso remeteu a representação à Comissão Revisora do Código Penal para que a tomasse em consideração.

*

Era tal a sua crença, entregando-se totalmente à prática diuturna dos ensinamentos evangélicos à luz da Terceira Revelação, que poder algum conseguia abalar os alicerces de suas novas convicções religiosas, dessa sublime Doutrina Espírita que lhe enchia a alma. É que a seu Espírito afluíam as reminiscências daquele acontecimento extraordinário a que já aludimos, e relatado pelo Espírito Humberto de Campos. E um dos testemunhos dessa sua fé inquebrantável está

precisamente na carta que escreveu, em **1886**, a um seu irmão germano, o Dr. Manuel Soares da Silva Bezerra, refutando a censura que o mesmo lhe fizera com certa acrimônia, em face de sua formal decisão de abandonar a religião de seus pais — o Catolicismo — para, \numa verdadeira afronta a Deus, dizia esse seu irmão, abraçar assim, com tanto entusiasmo e ardor, o Espiritismo, obra diabólica, que conduz para as profundezas do Inferno todos os que aceitam e professam tão degradante seita; — e escreveu-lhe mais esse seu irmão: que confiava, no entanto, que ele, bem meditando, abandonaria essa malfadada ideia de afrontar a sociedade cristã em que vivia, e derramar entre os seus familiares a vergonha de sua deserção da Igreja em que fora batizado; que era inadmissível deixasse de ser cristão para se tornar herege.

Anos depois, a memorável carta-resposta de Bezerra de Menezes foi cair nas mãos do famoso poeta Juvenal Galeno, residente no Ceará, nome bastante conhecido nos meios literários de nosso país, e, por nímia gentileza sua, pois que acreditava no Espiritismo, foi oferecida à Federação Espírita Brasileira e por esta publicada sob o título: *Uma Carta de Bezerra*.

Essa missiva é, sem favor, uma página de erudição, uma verdadeira aula de História comparada das religiões. Explana de maneira sintética, mas com profundidade, sobre a doutrina dos brâmanes e do Buda; sobre os *Vedas*, livro sagrado dos hindus; sobre o Bagavat-Gitá, no *Shastdh*. e no *Código de Manu*; sobre o Masdeísmo, que se distancia do Bra- manismo por não admitir a origem divina do mal, etc., etc.

Faz, igualmente, oportunas citações de ideias e pensamentos de filósofos, escritores respeitáveis, pensadores eméritos e mesmo de religiosos. Cita, por exemplo, Pitágoras, Sócrates, Platão, Luís Mé- nard, Schutz, Caussette, Bonniot, Duhamel, Carlos Bonnet, Dupont de Nemours, Ballanche, Frederico Schlegel, Saint-Martin, Balzac, Constant Savy, Fou- rier, La Codre, Pelletan, Jouffroy, Franck, Callet, João Reynaud, Flammarion, Berraut, De Infantin, Luís Gourdan, Vergílio, Plotino, Porfírio, Jâmblico, Origines, Santo Agostinho, enfim, muitos outros, cuja enumeração seria fastidiosa, para demonstrar, de maneira eloqüente e convincente, què o Espiritismo foi aceito na antiguidade por vultos de alto gabarito, cujos nomes ainda hoje honram e dignificam o saber humano; que ele não era um herege nem louco, que sabia perfeitamente em que terreno estava pisando, que continuaria sendo cristão, mas cristão evolvido, cristão que quebrara as algemas do fanatismo, da escravidão à letra que mata, para banhar-se na luz esplendente do espírito que vivifica; que seu Espírito, por muito amar, respeitar e venerar o Cristo de Deus, não podia continuar rastejando nú lamaçal dos dogmas, criados pelos interesses de castas religiosas, os quais aberram do bom-senso, da lógica e do respeito que devemos ter às sábias, justas e luminosas leis divinas! Que ele não abdicaria de sua nova crença, porque ela o fazia ver em Jesus uma entidade muito superior àquela que a religião a que pertencera apresentava com as mesmas

inferioridades das pobres criaturas humanas.

E diz, então, ao seu irmão:

"Se eu não fosse cristão — e cristão convencido, pensa você que haveria consideração mundana que me fizesse suportar as calúnias injuriosas de que tenho sido vítima?! Deus sabe quanta energia me tem sido precisa para conter os ímpetos de minha natureza ferosa, nessas dolorosas conjunturas em que me tenho visto."

"Que vale mais? Não ir à missa, nem confessar-se, e cuidar de corrigir, trabalhando dia e noite, as ruins inclinações de seu espírito — ou ir todos os dias à missa, confessar-se todas as semanas — deleitar-se em maus pensamentos — e dar largas ao descomedimento da língua — e irritar-se pelas ofensas ao ponto de procurar vingar-se — e pagar mal por mal — e, finalmente, não cuidar de afeiçoar a alma à pura moral de Jesus-Cristo?"

"Em relação à missa, recomendada pela Igreja em seus mandamentos, penso que grande é o BEZERRA DE MENEZES

seu valor como prece erguida pelos filhos ao Pai. E nunca em minha vida manifestei desprezo por esse gênero de preces, que respeito e acato. Entendo, porém, que, prece por prece, mais vale a que recomendou Jesus no Sermão da Montanha, do que a recomendada pela Igreja. Sabe você que o Divino Mestre disse: "Quando orardes, retirai-vos ao vosso quarto, fechai a porta e orai em segredo."

"O fanatismo religioso afasta o homem da pura e verdadeira religião. O fanatismo religioso foi o que perdeu o sacerdócio hebreu, repelindo as verdades do novo ensino, pelo simples fato de modificarem o ensino moisaico."

*

Bezerra de Menezes, que também usava o pseudônimo de MÁX, foi um polemista no bom sentido, e discutia porque era o Espiritismo frontalmente atacado pelos seus opositores. Suas réplicas, porém, eram sempre vazadas em linguagem escorregadia, embora causticante por vezes, porque a verdade fere quase sempre aqueles que defendem ideias e concepções falsas, que honram a Deus com os lábios, ensinando doutrinas e mandamentos humanos.

Esses opositores nem sempre o tratavam com o devido respeito, por se sentirem vencidos com suas argumentações sólidas e irrespondíveis.

Nessas polêmicas pulverizava ele interpretações do Velho e do Novo Testamentos; separando o joio do trigo, de maneira que os ensinamentos bíblicos e evangélicos tomavam um colorido admirável, atraente, e deles surgia magnificamente a verdade pregada pelo Espiritismo, isto é, através das palavras de Jesus, quando expurgadas das intromissões humanas, quando examinadas dentro do espírito que as vivifica.

Seus artigos jornalísticos eram escritos à pressa, sem tempo suficiente para um melhor burilamento, mas mesmo assim impressionam sobremaneira pela limpidez de sua argumentação segura, em estilo de encantadora simplicidade, ao alcance de todas as inteligências, pela cultura que revelava possuir no tocante à

filosofia, à ciência, à literatura e à história dos povos.

Vejamos, por exemplo, e em resumo, alguns tópicos de seus artigos, contestando a encíclica do Papa Leão XIII sobre o materialismo, encíclica essa em que o Chefe do Romanismo expõe os efeitos produzidos, na geração atual, pelas falsas ideias emitidas pelo Catolicismo, para recomendar, então, a volta à vida cristã, como único meio de conduzir os espíritos à exata compreensão do destino humano:

"O Papa Leão XIII, com a virtude da infalibilidade, e talvez por causa dela, não vê, não aprecia com justeza, o movimento da Humanidade no século XIX.

"O materialismo é a conseqüência lógica da posição que tomou a Igreja Romana em relação ao progresso humano.

"Temos demonstrado repetidas vezes, e é fato que ressalta das sagradas letras, que, sendo a revelação progressiva, compreende ela necessariamente a Religião e a Ciência.

"Em vez de atentar nisso, que aliás se vê e se apalpa na História da Humanidade, a Igreja Romana declara que fora dela não há salvação, e que, dentro dela, só pode salvar-se quem abdicar a razão que Deus nos deu, e for de uma fé passiva, levada ao *credo quia absurdum*!

"Compreende-se facilmente que, sendo lei natural o aperfeiçoamento do espírito, tanto intelectual como moral, surgir, donde quer que seja, um poder que diz: *não passareis deste marco*, é provocar fatalmente a revolta, principalmente quando aquele poder ainda diz mais: *não usareis da faculdade da razão que Deus nos deu*.

"Em que se baseia o papado para marcar limites ao progresso humano, mesmo sob o ponto de vista religioso, para condenar o racionalismo em relação às verdades eternas?"

"Se a Igreja Romana pudesse provar que a perfectibilidade humana chegou a seu termo, que tocou o mais alto grau do seu desenvolvimento, então, sim, teria razão para assentar o marco designativo do último termo, do mais alto grau da revelação religiosa.

"A Igreja, porém, nem pode ter a louca pretensão de convencer a Humanidade de que ela já alcançou o maior grau de sua própria perfectibilidade; e, nem que o tentasse, seria atendida pelos que encontram no Evangelho a promessa formal de uma nova e mais ampla revelação."

Neste passo, não seria descabido referirmo-nos ao que o Padre Sertillanges, membro do Instituto da França, externou em seu livro intitulado *A Vida Intelectual*:

"A religião não é uma coisa acabada, uma coisa em si, como uma catedral ou uma pirâmide do Egito; é uma relação. E nesta relação há fixidez, mas há também variabilidade. Deus não muda; a verdade de Deus, tomada em si mesma, não muda, como o próprio Deus; mas a verdade dele em nós tem muitas maneiras de ser

variável. Na medida em que nós mudarmos, ela muda; na medida em que nós progredirmos, ela progride. A paralaxe do Sol muda continuamente, se bem que o Sol seja imóvel."

No seu magnífico romance intitulado *A Casa Assombrada*, há uma passagem em que Bezerra nos diz por que desejou ser médico, e como o verdadeiro discípulo de Hipócrates deve nortear sua vida profissional.

A passagem é a seguinte:

— "Minha mãe continuou a experimentar melhoras, graças, dizia ela, aos cuidados de sua filha Alzira. — E o médico? perguntava eu. Nenhum direito tem a seus agradecimentos? — o médico que se contente com a boa paga que recebe, respon- diá-me ela galhofando. Desgraçada profissão! Pode o que a adotou empenhar o maior esforço e o maior saber por salvar da morte um ente querido dos **que** o chamam, mas desde que a Ciência não vence o mal, porque o mal é invencível, porque as fontes da existência se têm esgotado, maldições lhe chovem em cima. Foi o médico que matou o doente! **Se**, pelo contrário, à força de saber e solicitude, arranca à morte e aos vermes uma vida preciosa, nenhum merecimento lhe reconhecem. Foi Deus quem salvou o doente! Mas, então, perguntarão: por que foste estudar Medicina? Por duas razões do maior alcance, direi eu.

A primeira é que o médico goza da maior independência, e não é coisa de pouca valia ter-se independência em nossa terra, onde um simples inspetor de quarterão faz garbo de abusar da sua autoridade.

A segunda é que o médico, muito mais do que o sacerdote, tem meios de exercer a divina caridade. Eu falo daquele que faz de sua profissão um sacerdócio, e não do que a utiliza como indústria rendosa."

Bezerra de Menezes jamais deixou de prestar seus serviços profissionais, fosse a quem fosse. Havia mesmo em seu espírito a volúpia, digamos assim, de fazer o bem, sem olhar a quem, e, por isso, não escolhia horas, fizesse bom o mau tempo, estivesse descansado, tranquilo, ou exausto de tanto mourejar.

Ele próprio, através de seu romance inacabado — *Casamento e Mortalha*, publicado em folhetim, pelo *Reformador*, definiu a maneira de proceder do verdadeiro médico, quando disse:

"O médico verdadeiro não tem o direito de acabar a refeição, de escolher a hora, de inquirir se é longe ou perto. O que não atende por estar com visitas, por ter trabalhado muito e achar-se fatigado, ou por ser alta noite, mau o caminho ou o tempo, ficar longe, ou no morro; o que sobretudo pede um carro a quem não tem com que pagar a receita, ou diz a quem chora à porta que procure outro — esse não é médico, é negociante de medicina, que trabalha para recolher capital e juros dos gastos da formatura. Esse é um desgraçado, que manda, para outro, o anjo da caridade que lhe veio fazer uma visita e lhe trazia a única espórtula que podia saciar a sede de riqueza do seu espírito, a única que jamais se perderá nos vaivéns da vida."

E Bezerra, como médico, cumpriu tudo isso, e podemos mesmo dizer que, muitas vezes, ia além, muito além dessas prescrições.

Inúmeras ocasiões tirava de seus bolsos tudo quanto neles havia para que uma pobre mulher pudesse comprar o indispensável à dieta de seu fi- lhinho!

E, ao regressar ele a sua humilde casa, tinha de privar-se de muita coisa de que necessitava, mas isso pouco se lhe dava.

Jamais esmoreceu nessa sua maneira de proceder. Ouvia sempre e preferencialmente a voz de seu coração, em vez de dar ouvidos à voz do estômago!

Àqueles que não dispunham da importância necessária para a compra dos medicamentos, o dono da farmácia tinha autorização para fornecê-los por sua conta.

A fama de Bezerra de Menezes, como extraordinário paladino da caridade, ecoou além-fronteiras, e, a título ilustrativo, citaremos a revista argentina *Fratemidad*, que em seu nº 613, depois de demonstrar que a Doutrina Espírita conta com homens e mulheres em todas as partes do mundo que se têm entregado com verdadeira devoção e respeito à prática das grandes virtudes morais do Espiritismo, cita diversos nomes, como Ruffina de Noggerath, na França; Amália Domingo Soler, na Espanha; Matienzo Cintrón, nas Caraíbas; Cosme Marino, na Argentina, para, mais adiante dizer: "No Brasil, a bela pátria do Evangelho cristão, contou o Espiritismo com uma dessas criaturas extraordinárias: o Dr. Bezerra de Menezes. Este ilustre médico e pensador espírita brasileiro dedicou-se à parte moral do Espiritismo, com verdadeira fé e caridade. Cremos que seu grande fervor cristão, em benefício da coletividade, não foi ainda igualado no Novo Mundo. A prática da caridade e do amor ao próximo, por ele exercida, despertou a atenção de todos os setores da sociedade brasileira; poderíamos dizer que o Dr. Bezerra de Menezes é como que o S. Vicente de Paulo do Espiritismo. Seu Espírito habita agora nas harmonias dos espaços celestes; apesar disso, sua mão carinhosa e protetora se aproxima dos tristes e dos desiludidos, qual procedia ele na Terra, a fim de inspirar amor e veneração ao "Pai que está nos Céus".

"Bezerra de Menezes atraía, ao coração, pobres e ricos, pois que a todos tinha algo que oferecer. Ele vivia acima das aparências humanas; vivia em constante contacto com o Mundo Invisível, e, por isso, sua obra foi tão eficaz e efetiva. Em Bezerra de Menezes não se manifestava somente o teórico; ao contrário, em sua personalidade, além da ideia pura, sobressaíam as grandes realizações práticas, dedicadas a salvar corações e almas dos mais dolorosos perigos. Além disso, foi um grande intelectual do Espiritismo..."

*

Bezerra de Menezes foi a caridade personificada. Num de seus artigos domingueiros, expendeu ele seu pensamento a respeito dessa virtude tão resplendente, porque ele sentia, realmente, que toda a moral de Jesus se resume na caridade e na humildade, isto é, nas duas virtudes contrárias ao egoísmo e ao orgulho, os dois grandes inimigos do nosso progresso.

Ele sabia que a máxima espiritista "Fora da Caridade não há Salvação" assenta, como declara o Codificador, num princípio universal e abre a todos os filhos de Deus acesso à suprema felicidade; máxima essa que, na expressão de Paulo de Tarso encerra os destinos dos homens, na Terra e no Céu; na Terra, porque, à sombra desse estandarte, eles viverão em paz; no Céu, porque os que a houverem praticado acharão graça diante do Senhor.

Bezerra de Menezes deu, de acordo com as instruções que recebera do Espaço, a feição evangélica ao Espiritismo, e é graças a essa feição que a nossa querida Doutrina tanto tem avançado em terras do Cruzeiro do Sul.

Mas, devemos ressaltar, ele não só deu essa feição evangélica, senão também, até p instante derradeiro de sua permanência na Terra, soube, de maneira invulgar, exemplificar o que pregava! E como exemplificava!

Houve quem o censurasse pelo fato de só encarar o Espiritismo pelo lado religioso.

Respondendo de maneira cabal e inteligentemente, em artigo publicado em *O País*, alinhou as superiores razões que o levavam a assim se orientar, afirmando que com esse seu proceder conseguia, além de convencer os crentes, chamar à verdade os descrentes de boa-fé. Que ele pouco se referia às questões científicas, que são o alimento intelectual dos espíritos, mas que, no entanto, dava o alimento moral, e, entre o intelectual e o moral, ninguém negará a superioridade deste sobre aquele, como meio de progresso humano para o destino da Humanidade.

E Bezerra, após interessantes e oportunas considerações, dizia haver enveredado pelo caminho condenado por seu amigo, por força de um arrastamento de disposições inatas de seu Espírito, finalizando o artigo com estas palavras: "*Não podemos saber, mas acreditamos piamente que agimos assim, em virtude de compromisso que tomamos quando para aqui viemos.*"

"Que o nosso bom amigo não perturbe o cumprimento de uma obrigação que contraímos com o Senhor"¹²

O certo é que os seus estudos filosóficos, feitos durante seis anos consecutivos, todos os domingos, pelas colunas de *O País*, eram lidos com atenção, não apenas pelos adeptos e simpatizantes do Espiritismo, mas também pelo clero em geral, pelos católicos, enfim, por homens de cultura e pessoas de mediana instrução.

O jornal *Gazeta de Noticias*, em sua edição de **22** de abril de **1897**, inseriu em suas colunas o seguinte:

"Meu caro Max. — A nossa incipiência tem encontrado sempre conforto na vossa palavra inspirada e respeitada mesmo pelos ortodoxos da fé; desde, pois, que assumistes uma tal autoridade, a vossa opinião, sem que a embarace a vossa reconhecida modéstia, é. segura orientação para os que entretêm *Grupos Espíritas*,

¹² (1) Os grifos são nossos.

e, nestas circunstâncias, relevareis que vos peçamos um conselho: podemos tomar os livros publicados pelo Dr. Sayão como normas a seguir em nosso Orupo? *Um discípulo.*"¹³

Bezerra prontamente acudiu à solicitação feita, enviando a esse periódico uma carta em que dizia:

"Bem se vê que o consultante é realmente um incipiente, pois que eleva nossa individualidade a umas alturas que estamos muito longe de atingir; entretanto, por corresponder à sua confiança, dir- -lhe-emos, com toda a lealdade e sinceridade, o que pensamos sobre os livros do Dr. Sayão.

"O Espiritismo não é, como julgam os padres ser a revelação messiânica, a última palavra sobre as verdades que Deus, em seu amor pela Humanidade, faz baixar do Céu à Terra.

"Enquanto o homem não chegar ao último grau da perfeição intelectual, o de penetrar todas as leis da criação, a revelação não chegará a seu termo, pois que ela é progressivamente mais ampla, na medida do desenvolvimento da faculdade compreensiva do homem.

"O Espiritismo, pois, tendo dado mais do que as anteriores revelações, muito terá ainda que dar, porque muito terá ainda que progredir a Humanidade terrestre.

"Allan Kardec, Espírito preposto por Jesus para reunir em um corpo de doutrina ensinados confiados, pelo mesmo Jesus, ao Espírito de Verdade, constituído por uma legião de Altíssimos Espíritos, só apanhou o que estes deram — e estes só deram o que era compatível com a compreensão atual do homem terreal.

"Mas o homem, tomo já se disse, não cessa de desenvolver a sua faculdade compreensiva e, pois, os principais fundamentos da revelação espírita, compreendidos nas obras fundamentais de Allan Kardec, tendem constantemente a se alargar em extensão e compreensão, como ele mesmo veio alargar os princípios fundamentais do ensino ou revelação messiânica — e como esta veio alargar os da revelação moisaica.

"A Allan Kardec sobrevivem outros missionários da verdade eterna que, sem destruir a obra feita, porque esta é firmada na Lei e a Lei é imutável, darão mais luz, para mais largo conhecimento das faces mais obscuras daquela verdade.

"Eis aí que já apareceu Roustaing, o mais moderno missionário da lei, que em muitos pontos vai além de Allan Kardec, porque é inspirado como este, mas teve por missão dizer o que este não podia, em razão do atraso da Humanidade.

"Não divergem no que é essencial, mas sim no modo de compreender a verdade, porque esta, sendo absoluta, nos aparece sob mil faces relativas — relativas ao nosso grau de adiantamento intelectual e moral, que um não pode dispensar o

¹³ (2) Ê que as obras do Dr. Sayão, todas elas, obedeciam à linha evangélica e conforme Roustaing.

outro, como as asas de um pássaro não se podem dispensar, para p fim de ele se elevar às alturas.

"Roustaing confirma o que ensina Allan Kardec, porém adianta mais que este, pela razão que já foi exposta acima.

"É, pois, um livro precioso e sagrado o de Roustaing; mas o autor, não possuindo, como homem, a vantagem que faz sobressair o trabalho de Allan Kardec, de clareza e concisão, torna-o bem pouco acessível às inteligências de certo grau para baixo.

"Seria obra de meritório valor dar, à sua exposição de princípios relevantíssimos, a concisão e a clareza que sobram no mestre e que lhe faltam bem sensivelmente.

"Foi esta, no fundo, a obra de Sayão.

"Em ligeiros traços resumiu, sem lesar, longas exposições — e em linguagem didática clareou e pôs ao alcance de todas as inteligências o que era obscuro à maior parte.

"O livro de Sayão é um resumo do de Rous- taing, com as vantagens de Allan Kardec."

Em **1884** fundava-se a Federação Espírita Brasileira, e Bezerra de Menezes lhe ocupava a presidência em **1889**, e a vice-presidência em **1890** e **1891**.

"No dia **3** de agosto de **1895** houve na Federação uma assembleia geral para, além de serem ventilados vários assuntos, conforme constou da convocação, proceder-se à eleição de um novo presidente, em virtude da vaga aberta com a renúncia do Dr. Júlio César Leal.

O Dr. Bezerra de Menezes, como era de esperar-se, obteve maioria absoluta de votos, concedendo-lhe essa assembleia amplos e irrestritos poderes discricionários, a fim de que pudesse agir livremente na defesa dos princípios doutrinários da Sociedade. ,

Ao tomar posse, Bezerra pronunciou uma breve alocução, traçando novos rumos para o Espiritismo, dentro de uma linha inflexível de- bom-senso, de amor, de sabedoria e de profunda sintonia com os desígnios do Alto.

E durante toda a sua presidência trabalhou ativamente e com muito ardor no propósito de con- graçar os espíritistas, e jamais esmoreceu na luta a bem da unificação geral, mantendo campanha sistemática em favor do estudo da nossa Doutrina e, sobretudo, seja pela palavra falada, seja pela palavra escrita, mostrava a completa, integral interdependência do Espiritismo e do Evangelho. Dizia mesmo que a pedra fundamental do Espiritismo, em sua pura concepção, era o Evangelho. Sem ele a Terceira Revelação não subsistiria e jamais se agigantaria nas consciências humanas. Nesse seu apostolado, sofreu grande e tenaz oposição por parte de alguns espíritistas, principalmente dos chamados cientificistas, que colocavam a vaidade deles acima da própria verdade, que abdicavam da consciência, a fim de que seus pontos de vista prevalecessem. Tinham, portanto,

uma visão muito estreita no tocante à finalidade do homem na Terra e da sua responsabilidade tremenda após a morte, por se lhe ter oferecido a luz da verdade e ele haver preferido o obscurantismo.

Bezerra compreendia e sentia perfeitamente que esses que desejavam fazer predominar seus pontos de vista, suas ideias, transpirando, como dissemos, pura vaidade, não passavam, como inspira- damente categorizou Allan Kardec, em *Obras Póstumas*, de "espíritas de contrabando, mas que também, mesmo assim, seriam de alguma utilidade; ensinariam o verdadeiro espírita a ser prudente, circunspecto, e a não se fiar nas aparências!"

Já em outubro desse mesmo ano, Bezerra teve oportunidade de prestar sua homenagem, em nome da Federação Espírita Brasileira, ao ínclito Codificador do Espiritismo, fazendo circular um número especial de *Reformador*, que trouxe uma capa muito sugestiva, com o retrato, em ponto grande, de Allan Kardec. Inseriu, nessa revista comemorativa, o pensamento de inúmeros espiritistas da época, enfeixando-os sob o título genérico de Polian- teia. Dela fazia parte, também, o seu pensamento, nestes termos:

"A ligar no mesmo feixe a Ciência e a Religião, duas caudais procedentes da mesma fonte, dois raios da luz do Sol infinito, veio à terra a Nova Revelação, que em si consubstanciou aquelas duas irmãs, até aqui divorciadas, mas de ora em diante unificadas na eterna e imutável lei do progresso.

"O sábio, pois, que não conhecer a verdadeira revelação religiosa, e o religioso que não conhecer a verdadeira revelação científica, não poderão realizar seu destino — a perfeição; porque Ciência e Religião são as asas de subir à perfeição, e aqueles estarão no caso da ave que tem sã uma das asas e tem outra ferida ou parálitica, o que a impede de equilibrar-se no ar, de voar pelos espaços.

"Para progredirmos, para subirmos, precisamos ter, igualmente fortificadas, as duas asas — o conhecimento das leis morais ou Religião, e o conhecimento das leis do mundo físico ou Ciência.

"O Espiritismo no-las revelou, em mais subido grau, e Allan Kardec as enfeixou, como os Evangelistas enfeixaram as verdades ensinadas diretamente por N. S. Jesus-Cristo.

"Graças e bênçãos ao Apóstolo da Nova Revelação, que rasga aos olhos da Humanidade o véu do templo, por lhe deixar ver, permitir ao homem que veja quem é, donde vem, para onde vai.

"Glórias infinitas a Deus e a Jesus, seu pensamento, bênçãos ao seu missionário; Allan Kardec."

*

Do *Esboço Histórico do Espiritismo no Brasil* extraímos estas linhas:

— "Os contemporâneos dessa fase auspiciosa de Bezerra de Menezes hão de recordar-se com saudade daqueles ensinamentos verdadeiramente magistrais, em que os assuntos mais árduos e transcendentais da Doutrina Espírita eram tratados

com eloquência que atingia as raias do sublime, aliada, porém, a uma singeleza de linguagem que os tornava acessíveis aos de menos culta inteligência, graças sobretudo à propriedade das imagens e figuras de que Bezerra freqüentemente se servia, para tomar a exposição mais clara, e inteligível.

"Bezerra de Menezes era, além disso, como todo trabalhador do pensamento, médium inspirado, contando, para maior brilho de sua oratória, com uma assistência espiritual de primeira ordem, daí

— como muito bem acentuou outro grande e inolvidável Presidente da Federação Espírita Brasileira, Leopoldo Cirne — resultando que "a sua eloquência nos assuntos doutrinários empolgava e convencia".

"Desse grande e digno lutador, que foi Leopoldo Cirne, em cuja presidência foi idealizado, construído e inaugurado o grande edifício da Avenida Passos, e que sucedeu a Bezerra de Menezes na presidência da Casa de Ismael, são as palavras que se seguem, a respeito de seu antecessor: "Era um missionário

— e não há exagero na qualificação — talhado para, ao mesmo tempo que salvaVa da ruína material, que não afetava o seu programa doutrinário, absolutamente respeitável, a Federação Espírita Brasileira, encaminhá-la, todavia, no rumo, a nosso ver, mais adequado à finalidade suprema da Nova Revelação, isto é: implantar na sociedade central, que seria o eixo de coordenação das associações nacionais, o culto dos ensinamentos evangélicos."

Assim, não nos esqueçamos de que o Espiritismo existia esparso em nosso País, antes de Bezerra de Menezes, sem rumo certo, predominando especialmente o movimento presunçoso do cientificismo, e estava, pois, sujeito a perder-se ou a cristalizar-se em simples filosofia ou ciência, não fora a intervenção providencial de Bezerra.

Para comprovarmos' a assertiva de que o Espiritismo, sem o sentido religioso, não só fugiria de sua missão, senão também que se tomaria em fonte permanente de orgulho, vaidade, discórdia e dissensões, basta que perfuntoriamente nos reportemos ao histórico feito por Pedro Richard, em **15** de setembro de **1901**, relativamente ao "Grupo Ismael", que precedeu a Federação Espírita Brasileira, no campo dos labores spiritistas.

Eis alguns tópicos desse documento, que se acha transcrito em *Reformador* daquela data:

"Quando, por determinação do Eterno, que é a manifestação integral do amor e da misericórdia, sem caprichos e sem imposição, foi lançada a propaganda do Evangelho, do seu Divino Filho, essa nobre e penosa missão, nesta parte do planeta, foi confiada ao bom anjo Ismael, que, com dedicação de que só são capazes os Espíritos de elevadíssima moral, organizou o pequeno grupo denominado "Confúcio", reunindo para isso meia dúzia de trabalhadores de boa-vontade, e deu começo à obra santa do Senhor.

"Mais tarde, em **1873**, aquele Espírito de es- col, reunindo novos elementos,

fundou a Sociedade "Deus, Cristo e Caridade", título que só por si é a síntese da Doutrina Espírita.

"Inúmeros foram os prodígios! A misericórdia divina jamais teve limites; era incessante. A luz, em jorros, deslumbrava os assistentes. Todos quantos tinham a dita de assistir a um trabalho daquela Sociedade se impunham a si mesmos a obrigação moral de inabalável conversão. Os acontecimentos que ali se deram produziram ruído em torno dos espíritas e provocaram a ira dos representantes do mal, Então a marcha vertiginosa que levava a Sociedade atraiu a atenção dos inimigos de Jesus, que cerraram fileiras e juraram destruir aquele templo sagrado. E foram de tal ordem os ataques dirigidos contra o reduto, que o vendaval dos erros acabou por destruí-lo.

"Ah! sempre as fraquezas humanas! Sempre e sempre o egoísmo, a vaidade e o orgulho! Foram essas as portas por onde, esquecendo-se os defensores de fechá-las, tiveram entrada franca e triunfal os inimigos do Bem.

"A pretensão vaidosa do saber invadiu os corações. Deixaram-se arrastar pela vaidade, quando, em vez de reunirem virtudes, procuravam revestir seus corações com a frágil couraça da ciência da Terra, essa meia ciência, que adquirem os que não cultivam as virtudes e que os conduz sempre ao desvario de negarem o seu Criador! A ciência que edifica e que exalta só pode ser adquirida por aqueles que possuem virtudes.

"Infelizmente, no seu orgulho insuflado pelos inimigos de Jesus, aqueles infelizes se desviaram da estrada que conduz ao seio do Pai, para tomarem o atalho da ciência, que quase sempre percorre maior extensão do terreno para chegar ao fim. Desvairados, levantaram um templo à ciência e constituíram uma academia.¹⁴

"Desde então, seus membros se distinguiram, não pelas virtudes de cada um, mas pelo seu cabedal científico. O amor, a caridade, a humildade, enfim, as virtudes, não mais teriam cotação naquele centro. Só a ciência, a pretensa sabedoria, lhe merecia a honra da atenção.

"Foi assim, sob tais auspícios, que a humilde "Deus, Cristo e Caridade" passou a denominar-se "Sociedade Acadêmica "Deus, Cristo e Caridade". Irrisão! Como se Deus, Cristo e Caridade pudessem ser acadêmicos, colegas de pobres pecadores ignorantes! Desse modo, pois, decretada a sua ruína, a "Academia" se precipitou no túmulo cavado pelos seus próprios fundadores, isto é, precipitou-se no nada.

"Mas, louvado seja Deus, nem todos os filiados à "Deus, Cristo e Caridade" se deixaram dominar pela vaidade e pelo orgulho, e então se constituíram na agremiação denominada — "Sociedade Espírita Fraternidade".

Em virtude da criação indiscriminada de grupos espíritas, cujos membros, em sua maioria, desconheciam os preceitos mais rudimentares da doutrina, a "Fraternidade", em **1888**, recebeu do Espírito Allan Kardec uma série de

¹⁴ (1) Julgavam-se doutores em Espiritismo, alardeando cultura e prestígio.

comunicações, convidando a família espírita a se congregar naquela Sociedade, e, pondo em relevo a inadiável necessidade de união, reprovava a existência de grupos de elementos dissolventes.

E continua Pedro Richard: — “Nessa época, já se achava em campo o nosso inolvidável confrade e mestre Bezerra de Menezes, que, à frente da fração da “Fraternidade” que tomou a seu cargo os trabalhos de obsessão, se encarregou da árdua tarefa de reunir a família espírita em torno da Federação.

“Apesar do seu prestígio intelectual e moral, todos os esforços ingentes que empregou o saudoso mestre foram improfícuos, fracassando a sua primeira tentativa, se bem que todos os espíritas estivessem convencidos da necessidade de tal medida e reconhecessem a inadiabilidade da resolução de se constituírem num só núcleo.

“Ainda a conselho do bom mestre Allan Kardec, tentou o nosso prezado Bezerra de Menezes congregar mais uma vez a família espírita, e outra decepção teve que suportar. Foi nessa época que o humano campeão do Espiritismo no Brasil, sentindo-se desanimado, nos disse: “Eu não entendo os espíritas.”

“Daí para cá, na possibilidade de constituírem um todo homogêneo, os espíritas se agruparam — uns tantos que procuravam estudar os Evangelhos — em torno do bom amigo e mestre Bezerra e que por isso se denominaram — espíritas bezerristas.

“Naquele coração de pomba se tinham aninhado todos os sentimentos de bondade e de amor; aquela imensa alma de apóstolo toda se abria para receber a Doutrina Espírita e, como um sol resplendente e belo no zénite, repartia seus esplendores com todos os que formavam o sistema de que era ele o centro e com todos os demais que procuravam a órbita a ser resolutamente descrita num espaço imenso, em demanda de Jesus. Difícil era saber-se o que mais se devia admirar naquele meigo espírito, se as virtudes se o talento.”

É bom lembrar que em **19** de janeiro de **1867**, Allan Kardec registrou haver sido alvo de calúnias, de difamações, de ódios, de invejas, de ciúmes e até de traições de companheiros; Bezerra de Menezes também, por força da fraqueza do espírito humano, sofreu iguais calúnias, difamações, ódios, invejas, ciúmes e traições de companheiros, qual ocorre sempre com todos os que se esquecem de si mesmos, a fim de cogitarem dos interesses de um ideal superior.

E por que tais atitudes contra os legítimos missionários do bem e da verdade não haviam de surgir naqueles dias, como nos de hoje e, naturalmente, nos de amanhã, se o próprio Cristo, a maior expressão de pureza de sentimentos entre as criaturas humanas, encontrou, em seus próprios discípulos, um que o entregou, levando-o, assim, a suportar humilhações, vexames, sofrimentos atroz, a culminarem na sua crucificação entre dois ladrões?

Em **24** de maio de **1895**, um grupo de dissidentes da Federação Espírita Brasileira inaugurou o Centro da União Espírita de Propaganda no Brasil, passando,

desde logo, a movimentar uma campanha contra o grande Bezerra de Menezes, campanha essa nem sempre conduzida com a necessária serenidade, chegando mesmo a descer, por vezes, a verdadeiros insultos pessoais.

A título de elucidação, alinhamos, a seguir, alguns pontos feridos pelo chefe dessa tal "União", e através deles se verifica a inconsistência de suas ideias, prendendo-se, como justificativa de suas críticas, a simples jogo de palavras, restringindo seus significados naturais, lógicos, compreensíveis:

"Os argumentos produzidos pelo Dr. Bezerra de Menezes, em prol da sua orientação espírita, não passam de vistosas bolhas de sabão sopradas pelo seu misticismo para deslumbrar a simplicidade ignorante dos que não sabem ou não se querem dar ao trabalho de raciocinar.

"Como pode a religião ser ciência, se uma é produto da presunção e a outra é resultado da evidência? Se a primeira é hipotética e a segunda é positiva? Se aquela é estacionária e esta progressiva?

"Não! a religião não é ciência, porque a ciência sempre foi e há de ser sempre a formidável adversária da religião.

"Lendo esses deploráveis artigos que o presidente da Federação Espírita Brasileira está publicando no *Reformador* sobre a propaganda do Espiritismo, e não duvidando da boa-fé com que são escritos, causa-me profunda tristeza a confusão, que naquela retórica eclesiástica se faz de revelação, de ciência, de culto e de religião.

"Tudo, pois, quanto nos aludidos artigos se lê em tal sentido não passa de mera declamação, sem base em que se firme."

*

A verdade, no entanto, é que toda essa insidiosa campanha contra o Dr. Bezerra de Menezes não o diminuiu antes, pelo contrário, fê-lo crescer no consenso geral.

Bezerra de Menezes desencarnou, anos depois, querido de todos e por todos respeitado; seu nome tomou-se uma bandeira dentro do Espiritismo; seu Espírito é sempre lembrado e venerado, enquanto que seu gratuito opositor está completamente esquecido, como esquecido o foi ainda mesmo egi vida, e, como ovelha desgarrada do aprisco da verdade, teve um triste fim nessa sua peregrinação terrena!

Esse irmão colaborou na fundação da Liga Espírita do Brasil, hoje Liga Espírita do Estado da Guanabara¹⁵ visto que, até então, ainda alimentava a esperança de conduzir a novel Liga para os rumos que ele tinha em mira.

¹⁵ (i) O autor escreveu esta página em **1962**. Dez anos depois, em **1972**, essa Entidade passou a denominar-se Federação Espírita do Estado da Guanabara, tendo reformado seu Estatuto e empossado, em **21** de maio, nova Diretoria. Continua integrando o CFN da FEB, do qual participa desde **5-10-1949**, data da assinatura do ^MPacto Aureo". Nota da Editora, & **3**» edição, em **1973**.

Seu Espírito, porém, anos após a sua desencarnação, na noite de **4** de abril de **1950**, pela mediunidade de Francisco Cândido Xavier, enviou uma mensagem, da qual extraímos alguns tópicos por julgarmos imprescindíveis no esclarecimento de que Bezerra de Menezes estava certo em suas ideias e na maneira por que conduzia a propagação do Espiritismo. Escreveu ele:

"Nem sempre a fé, por mais pura, consegue descerrar, enquanto permanecemos na carne, os véus que nos obscurecem a razão. Muitas vezes é preciso que a morte opere sobre a nossa existência a ação destruidora da tempestade. A ventania furiosa, que castiga a natureza, derruba muitos cárceres, libertando a vida em muitas direções. Esse é talvez o trabalho mais positivo da morte no campo isolado de uma reencarnação. Adquirimos clareza e impulso renovador nas forças profundas do ser e, com isso, observamos que a nossa mente é, na maioria das ocasiões, antigo compartimento que se desentulha. Enxergamos o horizonte novo, e os erros cometidos sobrelevam-se na tela da memória, torturando-nos a alma e impedindo-lhe mais altos vãos na purificação. Referimo-nos a esse doloroso cativeiro do pensamento, na cristalização do individualismo doentio, e reportamo-nos a semelhante quadro da libertação pelo esgotamento da energia física, para dizer aos companheiros de sementeira espírita-cristã, no Brasil, das nossas necessidades de reavivamento espiritual, segundo os ditames da lição de Jesus."

"Indiscutivelmente há muito patrimônio valioso e aproveitável, no círculo daqueles que hostilizam o apostolado de Ismael, na coletividade espiritista brasileira, mas oferecem aos orientadores do Além o espetáculo de fontes preciosas que fornecem ao viajor alguns benefícios, perdendo-se, contudo, na expressão mais compacta de suas utilidades, no charco das discussões esterilizantes ou do esforço improdutivo da vaidade pessoal, sob piedosas formas de cultura ou beneficência. Nada ameam, realmente, essas inteligências primorosas que se situam no debate ou na negação, no verbo pernicioso ou na atitude imprópria, porque a morte é sempre um juiz incorruptível, que não sentencia, e sim descobre-nos o caráter, o sentimento, o raciocínio e a intenção, ao clarão soberano da verdade, que transportamos, candente e viva, dentro de nós mesmos."

"Não desfaleçais, portanto, diante da hostilidade de muitos, porque a difamação ou o sarcasmo assinalam notas de desespero de quantos não se sentiram bastante fortes naquela perseverança que caracteriza o discípulo enobrecido no aprendizado de renúncia até ao fim. As armas da calúnia e da ironia são munições das trevas, mas o portador da luz, à maneira do raio de sol, encontra mil meios de aclarar o fundo denegrido de todos os despenhadeiros da sombra e do mal."¹⁶

¹⁶ (1) Reformador de julho de **1950**.

*

Temos aí uma das belezas da Doutrina Espírita: Esse Espírito, ao retornar à pátria espiritual, verificou o contrário do que supunha ser o acertado na defesa do Espiritismo, e que a verdade, a grande verdade, estava justamente ao lado de Bezerra de Menezes, a quem ele tanto combatera.

Realmente, a morte é um banho revelador da Verdade.

Assim, aproveitando-se da licença obtida de seus maiores da Espiritualidade, veio esse Espírito espontaneamente oferecer-nos uma mensagem, como penitência de sua conduta contra o trabalho abençoado de Bezerra de Menezes.

Acreditamos que, em breve, esse Espírito, já agora bem orientado, retornará às lides terrenas, quando, então, será um dedicado discípulo do Apóstolo do Espiritismo no Brasil, trabalhando ativamente para uma maior evangelização dos espíritas e auxiliando a FEB na sua obra de propagação da Doutrina.

Não foi sem razão, pois, que o Espírito Emma-nuel disse, certa vez, que a morte é a grande colecionadora que recolhe as folhas esparsas de nossa biografia, gravada por nós mesmos, nas vidas que nos rodeiam.

*

Anualmente Bezerra de Menezes era reconduzido ao cargo de Presidente da Federação Espírita Brasileira, e estava marcada a nova assembleia, para o dia 5 de janeiro de 1900, a fim de que ela mais uma vez manifestasse quem deveria ser conduzido a esse alto cargo da Casa de Ismael.

Essa assembleia, entretanto, foi adiada, porque às vésperas de sua realização — dezembro de 1899 — o nosso querido Bezerra recebeu o aviso de que sua missão terminara na Terra e que em breve regressaria ao plano espiritual; e esse aviso foi um insulto congestivo, que o levou ao leito, propiciando ao seu Espírito a oportunidade de dar o maior testemunho de fé, de coragem e de resignação aos desígnios de nosso Pai Celestial. Foi, então, marcada a data de 30 de março, para a realização dessa assembleia, mas, piorando ainda mais o estado de saúde do venerando amigo, foi ela novamente adiada, e só se realizou após sua desencarnação, quando foi eleito o Sr. Leopoldo Cirne, que até então era o vice-presidente da Instituição.

Pois bem, foram cerca de quatro longos meses de sofrimentos atrozes, quatro meses de sublimes testemunhos, em modestíssimo e desguarnecido quarto de sua residência humilde, pois o impacto produzido por esse mal violentíssimo o privava de qualquer movimento e da própria fala. Apenas seus lindos olhos verdes se moviam e falavam naquela linguagem misteriosa da expressão nascida da pureza de seu coração e da grandeza extraordinária de sua fé de apóstolo.

Bezerra fez questão de que os remédios fossem prescritos pelas Entidades espirituais, e de receber passes mediúnicos, indo os médiuns à sua residência, para esse fim caridoso.

Diariamente ia visitá-lo o seu velho amigo, confrade e colega, o eminente médico Dr. Dias da Cruz, antigo presidente da Federação Espírita Brasileira.

O redator de *Reformador*, Pedro Richard, escreveu em o número de **15** de abril de **1900**:

— “Dir-se-ia mesmo que nos sofrimentos físicos, nessa verdadeira prova que lhe estava reservada e de que saiu vitorioso, nesses momentos angustiosos, em que a dor lhe sublevava o organismo, sem, todavia, conseguir sequer lhe contrair um músculo da face, apenas se denunciando na tremenda pressão com que nos estreitava as mãos, a sua fé mais se acrisolava, para lhe conferir a palma do triunfo e da glorificação definitiva.”

A miséria passara a residir em seu lar, e faltar-lhe-iam a própria alimentação e os remédios para amenizarem o seu grande martirologio físico, não fossem os corações bondosos e agradecidos que, em verdadeira romaria, afluíam dia e noite ao seu calvário, para levar-lhe a sua solidariedade e o testemunho de seu reconhecimento, postando-se, um de cada vez, diante de seu leito, enquanto ele, com os olhos lacrimosos, agradecia, assim, através dessas lágrimas, que eram realmente a palavra de sua alma, a voz de seu sentimento.

E essas almas generosas, amigas e agradecidas, que dele tantos e tantos benefícios haviam recebido, sigilosamente iam deixando, sem que disso ele se apercebesse, desde a moedinha da espórtula da viúva, como nos fala o Evangelho, até as cédulas de vários valores, debaixo do travesseiro em que ele descansava a cabeça de apóstolo do Evangelho em espírito e em verdade.

Mas, num dia cheio de sol, em que a própria Natureza, engalanada e sorridente, parecia entoar os mais sublimes cânticos a Deus, como hosanas àqueles que, cheios de fé, após a luta áspera e continua, singram os espaços, impulsionados pelo dínamo do amor, ao soar das onze horas e trinta minutos, desse dia **11 de abril de **1900**,**

*“pelo seu rosto sempre lindo somem-se os olhos imortais quais dois faróis que vão fugindo e cada vez brilhando mais”*¹⁷

Quem o visse, agora, deitado no ataúde, mãos cruzadas sobre o peito, o rosto numa palidez de cera, semblante sereno e emoldurado pela brancura de seus cabelos e de suas longas barbas, tinha a impressão de que Bezerra dormia tranqüilamente.

No dia seguinte, à uma hora e vinte minutos, de sua residência, à rua **24** de Maio **nº 93**, saía o féretro inteiramente coberto de grinaldas, conduzido por senhoras até ao coche, rumando em direção ao Cemitério São Francisco Xavier, acompanhado por cerca de oitenta carros.

Lá o aguardava uma multidão de pessoas de todas as classes sociais e de todos os credos religiosos.

Empunhando as alças do caixão mortuário, os Srs. João Drummond, João Maurity, Cel. Cornélio H. de Maia Lacerda, João Lourenço de Souza, Capitão

¹⁷ (1) Versos extraídos de uma obra de Belmiro Braga.

Manoel Raimundo de Souza e José Inácio Pi- mental levaram-no até junto ao carneiro nº 6.247, da quadra B-I, onde, com surpresa geral, verificaram todos que a sepultura se achava completamente enfeitada de flores naturais. Mão piedosa e incógnita ali fora espargir, em profusão, aquelas flores que ele tanto amava!

O *Paiz*, em sua edição de 14 de abril de 1900, publicou a lista "dos amigos, de todas as representações sociais, das mais elevadas às mais modestas classes civis, que fraternizaram nesse testemunho de piedoso afeto ao grande morto e que subscreveram seus nomes no livro de condolências à família.

' Essa lista contém para mais de trezentas assinaturas. A primeira que nela figura é a do Doutor Fernando Costa. Das demais, destacaremos apenas as seguintes: vigário Escobar; Comissão da Sociedade Propagadora das Belas-Artes e também a do Liceu de Artes e Ofícios; L. Lansac e Jacinto Silva, pela Casa Editora H. Garnier, e, pela Federação Espírita Brasileira, consta a de Leopoldo Cirne, sendo que a última assinatura foi a de Pedro Richard, o discípulo de Max.

Esse mesmo jornal registrou que, "das grinaldas que cobriam o féretro, foi ao repórter possível destacar as seguintes, com os respectivos dísticos:

Tributo da família Maia Lacerda; Ao Doutor Bezerra de Menezes a Recebedoria Municipal; Saudades da família Cordeiro; Gratidão de A. Cordeiro & Cia.; Ao vovô Bezerra, da Nair; Saudade de sua nora; Saudades de seus filhos; Saudades de sua esposa; Saudades de Ribeiro de Carvalho; Saudades e gratidão de Mariano e família; Saudades de seus netos; Saudades de sua filha Antonica; Da Sociedade Propagadora das Belas-Artes; Reconhecimento do Liceu de Artes e Ofícios; Saudades da família Porto Carrero e Drago; Lembrança de Isaura, etc."

Na noite de 12 de abril de 1900, às sete horas, houve a habitual sessão comemorativa da Ceia do Senhor, na Federação Espírita Brasileira. todos os que dela participavam ouviram, pela maravilhosa mediunidade sonambúlica de Frederico Pereira da Silva Júnior, a palavra querida do Espírito do nosso Bezerra de Menezes.

Sua mensagem foi longa, e nela mais de uma vez, humildemente, agradeceu a Deus, a Jesus e à Virgem Santíssima as bênçãos divinas que misericordiosamente recebia na pátria espiritual, pois se considerava ainda muito pecador e, portanto, indigno desse sagrado amor de Jesus!

Houve mesmo um instante em que todos tinham a impressão de verem a figura refulgente desse saudoso amigo, quando dizia:

"Baixai vossos olhos sobre os meus amigos, ó Virgem Gloriosa! São também vossos filhinhos, como eu, que aflito gemi e padeci na Terra, sempre com os olhos cravados em vós. Dai que eles possam compreender, ó Virgem Imaculada, esse ensinamento em que se vê vosso amado Filho, o Rei absoluto deste Planeta, curvado aos pés de humildes pecadores, como um servo humilde, lavar de seus pés o pó da

estrada de peregrinos que trilhavam! Que eles possam compreender esse — amai-vos uns aos outros —, certos, convencidos de que o amor que desdobrarem das suas almas, para os seus irmãos, evola-se, libra-se aos páramos onde está o vosso amado Filho, — é o amor elevadíssimo que nos vem com Jesus.

"Meus caros companheiros, meus amigos, é demais a recompensa! Saudades! ouvi, de mais de um, essa palavra, mas saudades por quê?

"Vê tu, meu velho amigo (para Sayão), vêem todos vocês como é fraco o espírito humano!

"Vocês, espíritas, meus companheiros, que falam a todo o momento comigo, têm saudades e choram! Eu também choro a minha fraqueza. Oh! Deus, oh! Jesus-Cristo! Quando, pelo verdadeiro elo da amizade, pela verdadeira compreensão dos vossos ensinamentos serão estancadas as nossas lágrimas, e essa palavra não terá nenhum sentido na linguagem das criaturas, vivendo todos nós sempre unidos e ligados pelo coração? Eu estou junto de vocês, meus caros companheiros. Eu lhes peço: não quebrem essa cadeia sagrada.

"Como isto é bonito, como isto eleva as nossas almas!

".. Obrigado a todos vocês, a todos vocês obrigado.

"Bezerra estará sempre unido aos vossos corações. O Bezerra pede a Deus, e Deus há de permitir que ele continue a trabalhar, a produzir na seara bendita."

*

Na impossibilidade de transcrevermos os artigos laudatórios estampados em todos os jornais espíritas e não espíritas, do Brasil inteiro, permitimo-nos, todavia, transcrever alguns tópicos de *O Paiz*:

"A sua morte deixa grande vácuo no coração daqueles que tiveram ocasião de admirar de perto quanto valia aquela alma privilegiada.

"Médico, e médico hábil, a sua vida foi, nos últimos tempos, um contínuo labutar em benefício da pobreza; jamais recusou seus serviços àqueles que a ele recorriam."

"Revestiram-se de uma solenidade augusta as derradeiras homenagens prestadas a este eminente brasileiro. Desde que se divulgou a notícia do seu traspasse, até uma parte do dia de ontem, uma incessante romaria se estabeleceu em demanda da sua habitação.

"Eram os pobres, os humildes e necessitados, no anonimato da sua condição em que, não raro, brilham excelsas virtudes, que lhe iam render o tributo da saudade e do reconhecimento, conquistados a golpes de bondade, e cujos soluços e lamentações se confundiam com os da pobre família desolada."

Da *Gazeta de Notícias* extraímos os seguintes tópicos:

"Para se poder avaliar bem a grandeza da alma do Dr. Bezerra de Menezes, basta expor o seguinte fato, de que temos conhecimento, entre muitos outros.

"Era o Dr. Bezerra presidente de uma companhia, com escritório à rua Sete de Setembro, quando lhe apareceu um conhecido seu, comunicando- -lhe o

falecimento de um filhinho e dizendo-lhe, com lágrimas nos olhos, que, achando-se desempregado, não tinha recursos para fazer o enterro.

"O Dr. Bezerra de Menezes chamou-o a um canto e meteu-lhe na algibeira todo o dinheiro que possuía. No momento em que se propunha a retirar-se para casa (morava ele na Tijuca), reconheceu que, tendo dado tudo, nada lhe restava para a passagem do bonde, e pediu a um amigo trezentos reis emprestados!

"As bênçãos da pobreza que ele socorria o acompanharão para a morada celeste!"

Ainda no mesmo número de *O Paiz*, Artur Azevedo, notável poeta e teatrólogo, o cronista mais popular e, portanto, o mais lido da época, escreveu na sua seção diária — *Palestra* — o seguinte artigo:

"Que dia mais apropriado que sexta-feira da Paixão para falar-se de um grande morto? Refiro-me a Bezerra de Menezes, que acaba de descer ao túmulo entre hinos de apoteose, e era, não há muitos anos, a criatura mais injuriada que cobria o céu carioca.

"Foi um mártir da vida pública. O voto popular amarrou-o durante muito tempo no cargo de presidente da Ilustríssima Câmara Municipal da Corte, como a um pelourinho infame. Ouvei dizer a muitos dos seus concidadãos que ele era um ladrão, e diziam-no com a facilidade e o desassombro com que no Rio de Janeiro — só no Rio de Janeiro — se dizem essas coisas. Outros o defendiam afirmando que ele não roubava, mas apenas consentia que os amigos roubassem.

"Um periódico de caricaturas muitas vezes o representou vestido de salteador da Calábria, com o clássico chapéu pontudo e de trabuco ao ombro."

Mais adiante, prossegue a *Palestra*:

"Se, quando lhe lançaram em rosto esse tremendo labéu de ladrão, Bezerra de Menezes não fez o mesmo que o infeliz Carlos Costa, foi porque era uma alma forte, um espírito orientado, um filósofo preparado para todas as lutas morais. Só agora respondeu aos seus agressores, e respondeu como? morrendo pobre. Felizes daqueles que incumbem da defesa de sua honra os seus próprios cadáveres!

"Não venho engrandecer os serviços de Bezerra de Menezes; ele foi durante muitos anos o diretor do nosso serviço municipal, e a cidade do Rio de Janeiro é o que é. Todo o seu tempo era pouco para tratar de política, paixão que o dominava e o absorvia e acabou, felizmente, por enfastiá-lo do mundo.

"E foi tal o seu fastio, que ele procurou a sociedade invisível dos Espíritos, e entrou a viver noutro mundo melhor, onde não havia câmaras municipais, nem eleitores, nem periódicos de caricaturas.

"Mas ainda aí a paixão, pois que ele era um impulsivo, o arrebatou até o apostolado, até o sacerdócio, até o fanatismo, e fez dele, entre nós, o mais fervente propagandista de uma doutrina de piedade e consolação, que eu não professo, mas respeito profundamente.

"Onde estará o seu Espírito agora? Reduzido ao nada absoluto, ou verificando, na apregoada desencarnação, até onde chega a verdade do que ele

afirmava, a prova definitiva e real das suas crenças?

"Quem sabe lá! É loucura sondar os arcanos do Infinito, quando esta Terra que pisamos, que apalpamos, que nos dá de comer a todos, é também um mistério inescrutável para todos nós, inclusive... os sábios."

Além desses documentos históricos e que servirão para as gerações futuras aquilatarem quem foi, em verdade, o Dr. Bezerra de Menezes, não podemos furtar-nos ao dever de transcrever, na íntegra, outro documento histórico e de caráter oficial — a Ata dos Anais da então Câmara Municipal desta Capital, 23ª sessão ordinária realizada em 16 de abril de 1900, sob a presidência do Intendente Senhor Rodrigues Alves, 1º secretário, em que trata justamente da desencarnação de Bezerra de Menezes:

"O SR. HONÓRIO GURGEL diz que acaba de falecer um dos homens que representou o povo do Distrito Federal (hoje Estado da Guanabara) por mais longo tempo. Cerca de vinte anos exerceu o cargo de Presidente da antiga Câmara Municipal; teve assento na Câmara dos Deputados e figurou em lista tríplice para a cadeira de Senador. Refere-se ao Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, um benemérito, cujo retrato ocupa lugar de honra no edifício em que funciona o Conselho Municipal.

"Sabe que contra ele, como tem acontecido com todos os homens políticos, se levantou uma torrente de injúrias que cobriu o seu nome de lama e impropérios, mas sabe, também, que a prova da pureza de sua alma deu-a o ilustre morto quando, abandonando a vida pública, foi viver para os pobres, repartindo com os necessitados as migalhas que possuía.

"Vi-o sempre correr pressuroso ao tugúrio do pobre, onde houvesse um mal a combater, levando ao aflito o conforto da sua palavra de bondade, o recurso da sua ciência de médico e o auxílio da sua bolsa minguada e generosa.

"É, pois, como representante do 3º distrito que proponho que o Conselho, já que não pode determinar a ereção de um monumento que comemore tão beneméritos serviços, levante a sessão em sinal de pesar pelo falecimento do Dr. Adolfo Bezerra de Menezes e como homenagem prestada às suas grandes virtudes.

"O SR. LEITE BORGES (pela ordem) acha que as palavras proferidas pelo Sr. Honório Gurgel acabam de exprimir o sentimento de todo o Conselho.

"De pleno acordo com a proposta de S. Ex^a, o orador pede, entretanto, licença para fazer-lhe um acréscimo, que é objeto de um requerimento e que se refere à nomeação de uma comissão que represente o Conselho Municipal na missa de sétimo dia que se vai rezar pelo Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, e leve à digna viúva de tão benemérito cidadão, de par com as condolências do Conselho, a homenagem aos grandes serviços do ilustre morto.

"Vem à Mesa e é lido o seguinte:

REQUERIMENTO

"Considerando que os serviços prestados pelo honrado cidadão Dr. Bezerra

de Menezes à Municipalidade são inolvidáveis;

"Considerando que a Municipalidade, durante 20 anos, tudo lucrou com a sua honesta e digna administração;

"Considerando que o ilustre cidadão Dr. Bezerra de Menezes muito contribuiu para o desenvolvimento da instrução do povo e outros ramos da atividade humana;

"Considerando que o Conselho Municipal, prestando o seu preito reverente àquele que soube viver honrando a nossa Pátria e elevando muito bem alto a administração municipal, não faz mais do que um ato de justiça à sua memória querida;

"Requeremos:

"19, inserção de um voto de profundo pesar na ata dos trabalhos do Conselho, pela perda de tão eminente cidadão;

"29, nomeação de uma comissão para representar o Conselho nos sufrágios que se celebrarem por sua alma, bem como dar pêsames & sua desolada família;

"39, que se levante a sessão.

"Sala das Sessões, 16 de abril de 1900. — Leite Borges. — Smith de Vasconcellos. — Leônctio de Albuquerque. — Pedro Reis. — Rodrigues Alves. — C. Magalhães. — Ataliba Reis.

"Consultado o Conselho, são unanimemente aprovados os dois requerimentos.

"O SR. PRESIDENTE: — De acordo com o vencido, nomeio, pará a Comissão que tem de assistir à missa do sétimo dia e dar pêsames à família do ilustre morto, os Srs. Honório Gurgel, Leite Borges e Leônicio de Albuquerque."

"A seguir, o Presidente lê a ordem do dia designada para a sessão próxima, e, em homenagem ao Dr. Bezerra, levanta a reunião."

*

A propósito dessa missa, limitar-nos-emos a transcrever, sem qualquer comentário, as três notícias veiculadas pelo *O Paiz*, trazendo sempre, todas elas, como título: — Dr. Bezerra de Menezes: No dia 28 de maio de 1900:

"Uma imponente cerimônia religiosa se efetuará amanhã, na Igreja do Socorro, em São Cristóvão, em sufrágio da alma deste saudoso e humanitário clínico, constando de missa com *libera-me* promovida por um grupo de amigos dedicados e fieis à sua memória, os quais irão em seguida ao cemitério São Francisco Xavier depositar uma grinalda no túmulo que encerra os seus despojos.

"Será orador oficial o ilustrado Dr. João Pereira Lopes.

"Foram distribuídos convites à família e aos membros da Comissão Central do Patrimônio, além de cujo comparecimento esperam aqueles amigos o de todas as pessoas que, por gratidão ou amizade, se queiram associar àquele tributo de veneração e afeto ao virtuoso extinto."

No dia 29:

"É hoje, às 9 horas, que se realiza na Igreja do Socorro, em São Cristóvão, a

missa com *libera-me*, mandada celebrar por um grupo de amigos deste eminente brasileiro, em sufrágio de sua alma, após o que, irão aqueles em romaria ao seu túmulo, no cemitério São Francisco Xavier."

No dia **30**:

"Apenas uma parte das cerimônias, para ontem anunciadas, em homenagem a este eminente espírito, pôde ser levada a efeito, e consistiu na romaria ao cemitério, onde, ao ser colocada sobre o túmulo, que encerra as suas cinzas, a grinalda oferecida pelos moradores de São Cristóvão, orou o Dr. João Pereira Lopes, produzindo uma belíssima e comovedora oração, que foi muito aplaudida, salientando os serviços prestados ao povo desta capital, quer como político, quer como médico, o venerando extinto, e terminando por dizer que, hoje, seria difícil haver quem fielmente imitasse aquele verdadeiro justo.

"Quanto à missa com *libera-me*, no momento em que não tardava a começar o sacrifício, para o que já se achava previamente armado o catafalco, na Igreja do Socorro, com a orquestra a postos, e presente considerável número de fiéis, amigos do Dr. Bezerra de Menezes, foi recebida uma ordem do Revmo. vigário-geral da arquidiocese, proibindo os sufrágios, sob a alegação de se tratar do chefe do espiritismo no Brasil.

"Houve alguns protestos por parte das pessoas presentes, que estranharam ser assim tolhida a expressão de seus sentimentos católicos, sob cuja inspiração haviam encomendado tais sufrágios.

"Não passou disto, todavia, o incidente, retirando-se todos em demanda do cemitério, onde teve lugar a cerimônia a que já aludimos."

Léon Denis, lá da França de Joana d'Ârc, ao ter conhecimento do decesso do nosso Bezerra, declarou, emocionado: — "*Lorsque de tels hommes disparaissent, c'est un deuil, non seulement pour le Brésil, mais pour les spirites du monde entier.*" (Quando tais homens deixam de existir, enluta-se não somente o Brasil, mas os espíritas de todo o mundo.)

•

Infelizmente, em todos os acontecimentos da vida, quando os preconceitos, os prejuízos de crenças e os de pontos de vista deviam emudecer, entristece-nos ver, de permeio a elogios referentes ao grande brasileiro Dr. Bezerra de Menezes, certas críticas descabidas e inverídicas, feitas pelo jornal *República*, de seu Estado natal — Ceará — como a escurecer a mentalidade de tão ilustre homem de ciência, e que tinha a exornar-lhe a personalidade a auréola de um entranhado amor às verdades evangélicas e um profundo sentimento de amor ao próximo.

Desse artigo, que se acha reproduzido no *Dicionário Biobibliográfico Cearense*, do Barão de Studart, extraímos os seguintes tópicos:

"Segundo o nosso telegrama de quarta-feira, faleceu no Rio de Janeiro o Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, cearense, que ali tinha residência, desde o seu aprendizado de medicina, há cerca de cinquenta anos.

"Foi da plêiade ilustre de Ottoni, Saldanha Marinho, Otaviano e outros."

"A política o foi desviando da profissão, enquanto da política o ia desviando também o tempo, com o desaparecimento dos seus companheiros de luta, e das ideias a que se habituara.

"Sobrevinham intuítos novos, que inclinavam o país para um regime todo outro, e chegou por fim a velhice, que é moléstia, com o isolamento. Então foi-se obscurecendo este nome, outrora radiante, até dar-se o ocaso da própria vida.

"A morte é por partes, ou perdas sucessivas, até o átomo derradeiro, ou antes, des vive-se à medida que se prolonga o que sempre chamamos — vida, já que não passa de despojos.

"Espírito lúcido, com a melhor educação acadêmica, todavia, não deixou de ter as suas quedas. Da escola ultramontana, em principio, foi descendo na escala das credices humanas, até declarar-se espírita, nos últimos dias da sua existência, já materialmente enfraquecida pelos insultos da idade, logo intelectualmente decaída.

"Deve ter morrido, com **70** anos, comparado aos seus camaradas que sobrevivem."

Nota-se perfeitamente que o autor desse artigo traiu o seu sentimento de ultramontano fanático, e daí o desvirtuar a verdade dos fatos pára, de certo modo, justificar a razão por que, no seu entender, Bezerra de Menezes foi *descendo na escala das credices humanas, até declarar-se espírita, nos últimos dias de sua existência.*

Colocou, assim, o Espiritismo na categoria das piores credices!

Acontece que Bezerra contava cerca de **55** anos de idade, quando publicamente se confessou adepto da Terceira Revelação; e só desencarnou aos **69** anos de idade. Gozava de plena faculdade mental e estava seu espírito perfeitamente lúcido, quando de seu decesso, como lúcida partiu para a Espiritualidade sua genitora D. Fabiana de Jesus Maria Bezerra, com **91** anos de idade, conforme informação do Barão de Studart.

O nosso querido Bezerra foi educado na religião católica, mas dentro de alguns anos foi ele sentindo ser um contra-senso muitos dos dogmas, preceitos e ensinamentos da Igreja Romana, até que um dia teve a ventura de banhar-se nas caudais luminosas do Cristianismo espírita.

Preferiu a luz que o fazia compreender e sentir Jesus em toda a sua extraordinária simplicidade e sublime amor, e, por isso, desprezou a sombra que deformava a personalidade ímpar do Cristo!

A justiça de Deus, que até então lhe era incompreensível, através do ortodoxismo claudicante, otentou-se radiante ao seu entendimento, por força das vidas múltiplas.

Bendita queda, abençoada descida de Bezerra de Menezes na escala da suposta credice do Espiritismo, pois que sua alma continua lembrada, estimada e

respeitada como um símbolo de fé, de amor e de caridade!

*

O Dr. Bezerra de Menezes foi membro da Academia Nacional de Medicina, da Sociedade de Geografia de Lisboa, da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, da Sociedade Físico-Química, sócio e benfeitor da Sociedade Propagadora das Belas- -Artes, membro do Conselho do Liceu de Artes e Ofícios; escreveu: *Diagnóstico do Cancro*, tese com que se apresentou ao doutoramento, em **1856**; Das operações reclamadas pelo estreitamento da uretra, tese apresentada ao concurso para uma cadeira de expositor da seção de cirurgia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em **1858**; *Biografias do Visconde do Uruguai*, Paulino José Soares de Souza, e do Visconde de Caravelas, Manoel Alves Branco; *A escravidão no Brasil, e medidas que convém tomar para extingui-la sem dano para a Nação*, em **1869**; *Breves considerações sobre as secas do Norte*, em **1877**; *Os Carneiros de Panúrgio*, romance filosófico-político, em **1890**; Artigos publicados na *Reforma*, jornal da Corte, em discussão com o Conselheiro João Manoel Pereira da Silva sobre o procedimento de Conrado Jacob de Niemeyer¹⁸ como Presidente da Comissão Militar, que julgou os cabeças da revolta de **1824**; Redigiu *A Sentinela da Liberdade*, Rio, **1869-1870**, além de *Loucura sob novo prisma*, *A Casa Assombrada*, romance tipicamente espírita, em que o grave problema da obsessão, de par com a análise científica da patologia mental característica, é abordado com a segurança de um mestre, no dizer de Leopoldo Cirne. Publicou, em folhetim, pelo *Reformador*, vários romances, tais como *A Pérola Negra*, *O Evangelho do Futuro*, *História de um sonho*, *Lázaro — o Leproso*, *O Bandido*, *Viagem através dos séculos*, *Casamento e mortalha*, além de muitos outros. Esse último, *Casamento e mortalha*, ficou incompleto com a desencarnação de Bezerra.

◆

Tendo desencarnado paupérrimo, a família de Bezerra ficou completamente desamparada, razão por que, num gesto espontâneo e muito significativo, como bem esclareceu Zêus Wantuil, através da biografia que fez, de Quintino Bocayuva, inser- ta em *Reformador* de setembro de **1962**, "foi organizada na sede da Casa-Máter uma Comissão Central que se encarregaria de angariar e receber donativos destinados a assegurar o abrigo e a subsistência da família do "Médico dos Pobres". Lima e Cirne foi quem presidiu à reunião convocada para esse fim, tendo por secretários Leopoldo Cirne e Carlos Torres Rangel, verificando-se a presença de cerca de oitenta pessoas, entre as quais Quintino", e acrescentou mais esse valoroso companheiro: "que na época (setembro de **1887**) em que Bezerra de Menezes, sob o pseudônimo de Mas, iniciava a publicação de uma série

¹⁸ (l) Lisboa, **1788** — Rio, **1862** — pal do também General Conrado Jacob de Niemeyer, nascido em **1831** e falecido em **1905**, no Rio.

de artigos doutrinários espíritas, em *O Paiz*, estava esse jornal sob a direção de Quintino Bocayuva, e não só era o periódico de maior tiragem no Brasil, senão também o único jornal que dava lustre à imprensa brasileira", e que "Quintino, inteligência esclarecida e superior, viu-se atraído por aqueles assuntos esflorados por Bezerra e que tomavam a atenção de tantos homens ilustres disseminados pelo mundo. Com aquela tolerância e independência que sempre caracterizaram as suas ações, pôs-se a ler os brilhantes artigos estampados em *O Paiz*, daí nascendo a simpatia dele, Quintino, para com a Doutrina Espírita e os próprios adeptos desta".

*

Dizia Mantegazza que "todo escritor que molha a pena no tinteiro, não para sacar letras de câmbio sobre a bolsa dos leitores, mas para fazer da pena um porta-voz dos seus afetos e dos seus pensamentos, é sempre apóstolo de uma ideia ou de uma forma estética, e, quando escreve, sente palpitar o coração na santa impaciência de ser escutado, na fagueira esperança de ser compreendido".

Bezerra, ao escrever, só tinha em mira despertar os homens para as grandes verdades divinas, habilitando-os a se sentirem sempre confiantes na misericórdia do Alto e a trabalharem com honestidade e amor!

Nota-se, em seus artigos, o propósito de mostrar que a chave da justiça divina está precisamente nas vidas sucessivas, a fim de o homem capa- citar-se da responsabilidade de seus atos, ações e pensamentos, cujas conseqüências se farão sentir não só em sua vida de além-túmulo, senão que também em suas vindouras e necessárias encarnações na Terra.

Além dessa tese, focaliza ele, com grande propriedade e justeza de argumentação, os dogmas do Inferno e das penas eternas, mostrando, à saciedade, a insubsistência dos mesmos, por serem verdadeiras contradições à justiça, bondade e misericórdia de nosso Criador.

Através dos artigos que dominicalmente publicou nas colunas de *O Paiz*, fez ele um alentado estudo a respeito da cosmogonia católica e espírita, esgotando o assunto.

É uma peça de fôlego, em que MAX põe em evidência os seus vastos conhecimentos gerais. Escalpela, com o bisturi da razão, da lógica e do bom-senso, as incongruências, as intromissões humanas, adredemente preparadas para desfigurarem o pensamento de Jesus, a bem de interesses subalternos.

Possuía ele esse bom-senso de Allan Kardec, bem como a sua maneira didática de tratar os assuntos, sempre com clareza e concisão.

Esses artigos, em geral, foram escritos à pressa, ao sabor das oportunidades, sem obedecer, é óbvio, a um plano preestabelecido. Vários deles são, *mutatis mutandis*, repetições, por assim dizer, de outros anteriormente publicados, em resposta às críticas à nossa Doutrina e aos ataques feitos pelo clero católico, etc.

E essas suas palavras doutrinárias, esses seus conselhos, afirmativas e advertências ainda ressoam na alma de todos os espíritistas do Brasil!

•
Será interessante registrarmos que, em 1^o de outubro de 1898, um dos mais ilustres magistrados da Capital da República, Dr. José Viveiros de Castro, leitor que naturalmente foi dos trabalhos jornalísticos de Bezerra de Menezes a respeito da Doutrina Espírita, como religião, e compenetrado do alto valor de seus ensinamentos de amor, absolve, numa bela e incisiva sentença, considerando o Espiritismo como religião, o médium curador Joaquim José Ferraz.

*

Adolfo Bezerra de Menezes Neto e a Sra. sua genitora, em 29 de agosto de 1947, como culto de veneração ao Dr. Bezerra de Menezes, mandaram erigir, sobre sua sepultura, um modesto túmulo, modesto, sim, porque não se coadunaria com seu Espírito qualquer manifestação faustosa. Aquele túmulo, na sua singeleza, fala bem alto de que a criatura vale pelos seus sentimentos, e jamais pela vaidade dos monumentos materiais em sua memória.

Quantos mausoléus riquíssimos devem pesar sobre pobres Espíritos, cujos restos mortais jazem neles depositados, Espíritos em breve esquecidos, ignorados de todos, enquanto que o de Bezerra de Menezes constantemente se encontra coberto de flores, como a dizer que seu Espírito vive sempre presente no pensamento das criaturas, que supõem ser essa a melhor maneira de lhe testemunharem reconhecimento.

Na pedra mármore colocada na parte superior do túmulo, além da sua fotografia, vê-se gravado:

DR. ADOLFO BEZERRA DE MENEZES

E suas obras:

"A Doutrina Espírita como Filosofia Teogônica" "A Loucura sob Novo Prisma"

"Os Carneiros de Panúrgio"

"Espiritismo (Estudos Filosóficos)"

"Os Mortos que Vivem"

"Segredos da Natureza"

"A Pérola Negra"

"Evangelho do Futuro"

"Lázaro, o Leproso"

"História de um Sonho"

"O Bandido"

"A Casa Assombrada"

E algumas obras psicografadas

Vamos, agora, procurar, num rápido bosquejo, conhecer os primeiros passos de Bezerra de Menezes na vida espiritual, já liberto da grosseira roupagem carnal; apreciar suas atividades e suas aspirações, e amor pela Humanidade em geral, e especialmente pelos que se acham sob o guante das dores e misérias físicas e morais, aqui na Terra e no Espaço.

O nosso incansável *Irmão X*, pela mediunidade de Francisco Cândido Xavier, dá-nos notícias acerca do seu primeiro contacto com a vida espiritual, tal como consta de *Reformador* de dezembro de **1957**:

"Conta-se que Bezerra de Menezes, o denodado apóstolo do Espiritismo no Brasil, após alguns anos de desencarnação, achava-se em praia deserta, meditando tristemente acerca da maioria dos petítórios que lhe eram endereçados do mundo.

"Em grande número de reuniões consagradas à prece, solicitavam-lhe providências de natureza material.

"Numerosos admiradores e amigos rogavam-lhe empregos rendosos, negócios lucrativos, alojamentos, proteção para documentários diversos, propriedades e promoções.

"Em verdade, sentia-se feliz, quando chamado a servir um doente ou quando trazido à consolação dos infortunados; contudo, fora na Terra um médico espírita e um homem de bem, a distância de maiores experiências em atividades comerciais.

"Por que motivo a convocação indébita de seu nome em processos inconfessáveis? não era também ele um discípulo do Evangelho, interessado em ascender à maior comunhão com o Senhor? não procurava aprender igualmente a lutar e renunciar?

"Monologava, entre inquieto e abatido, quando viu junto dele o grande Antônio, desencarnado em Pádua, no ano de **1231**.

"O admirável herói da Igreja Católica, nimbado de intensa luz, ouvira-lhe o solilóquio amargo.

"Abraçou-o, com bondade, e convidou-o a segui-lo.

"A breves minutos, ei-los ambos no perfumado : recinto de grande templo.

"O santuário, dedicado ao popular taumaturgo, regurgitava de fieis que se prosternavam, reverentes, diante da primorosa estátua que o representava, sustentando a imagem de Jesus menino.

"O santo impeliu Bezerra a escutar os requerimentos da assembleia e o seareiro espírita conseguiu anotar as mais estranhas e inoportunas requisições.

"Suplicava-se a Antônio casa e comida, dinheiro fácil e saliência política, matrimônio e prazeres. Não faltava quem lhe implorasse contra outrem perseguições e vingança, hostilidade e desprezo, inclusive crimes ocultos.

"O amigo benfeitor esboçou um gesto expressivo e falou, bem-humorado, ao evangelizador brasileiro:

— "Observaste atentamente? as petições são quase sempre as mesmas nos variados campos da fé. Sequioso de burilamento intimo, troquei na Igreja o hábito de cônego pelo burel dos fraules... Ensinei a palavra do Mestre Divino, sufocando os espinhos de minhas próprias imperfeições. Fosse nas seduções da vida secular ou na austeridade do convento, caminhava matntendo pavorosas

batalhas comigo mesmo, ansiando entesourar a virtude, em cujo encalço permaneço até hoje; entretanto, procuram-me através da oração, para ser meirinho comum ou advogado casamenteiro...

"E porque Bezerra sorrisse, reconfortado, aduziu:

— "Nosso problema, contudo, é o de instruir sem desanimar. Jesus, no monte, sentindo extrema compaixão pela turba desvairada, alimentou-lhe o . corpo e clareou-lhe a alma obscura...

"Nesse justo momento, surge alguém à cata de Bezerra. Num círculo de oração, organizado na Terra, pediam-lhe indicações para que fosse descoberto um enorme tesouro de aventureiros antigos, desde muito enterrado.

"Antônio afagou-lhe os ombros e disse benevolente:

— "Vai, meu amigo, e não desdenhes auxiliar. Decerto, não te preocuparás com o ouro escondido, mas ensinarás aos nossos irmãos o trato precioso do solo para a riqueza do pão de todos e, descerrando- -lhes o filão do progresso, plantarás entre eles o entendimento e a bondade do Excelso Amigo.

"Bezerra despediu-se, contente, e tornou corajoso à luta, compreendendo, por fim, que não bastaria lastimar a atitude dos companheiros invigi- lantes, mas ajudá-los com todo o amor, consciente de que o Cristo é o Mestre da Humanidade e de que o Evangelho, acima de tudo, é obra de educação."

*

Devemos ressaltar que o Espírito Bezerra de Menezes tem tão arraigado amor aos seus irmãos de jornada terrena que, podendo pairar em planos mais elevados, prefere perambular nesta esfera terrena, ainda tão impregnada de sentimentos mal- são, justamente para se consagrar mais de perto, e por tempo mais dilatado, à transformação gradual de longas fileiras de infelizes, pobres almas necessitadas de abnegados médicos espirituais!

O Espírito Guillon Ribeiro, que também tanto dignificou a Casa de Ismael, como seu Presidente,

BEZERRA DE MENEZES

veio confirmar o que acima dissemos, e isto o fez, como se lê no livro psicografado por Francisco Cândido Xavier, intitulado *Voltei*, em que há esta passagem:

— "Reportava-se Guillon às fundas impressões que lhe causavam as atividades de auxílio aos Espíritos das trevas, lembrando, com calor — diz o Espírito Irmão Jacob, autor espiritual do aludido livro —, as sessões do Grupo Ismael, em que muitos eclesiásticos, envenenados de ódio e cegos de ignorância, são conduzidos ao conhecimento cristão, e contou-nos que tantos sofrimentos e incompreensões existem nas zonas próximas à moradia dos homens, que Bezerra e Sayão, autorizados à sublime ascensão aos planos superiores, haviam decidido renunciar a semelhante glória, em companhia de outros missionários devotados ao sacrifício pessoal, a fim de se consagrarem, por mais dilatado tempo, à transformação gradual de longas fileiras de infelizes."

*

Bezerra de Menezes que, na Terra, foi o extraordinário e grande arauto do Evangelho, simbolizado na sua fé, na sua ação, no seu trabalho, no seu amor, nos seus pensamentos e na sublime caridade que praticava sempre em todas as horas de seu viver, continua ainda, lá nas etéreas regiões, por intermédio dos mais diversos médiuns existentes em todo o Brasil, distribuindo a mancheias, a todos os que sofrem, gemem, choram e desesperam, em virtude de seus padecimentos físicos e morais, as flores mais belas e mais viçosas, nascidas de seu coração tão fértil e tão acolhedor!

Suas mensagens, transmitidas, sejam por este ou por aquele médium, fazem-nos sentir que o Espiritismo é a força propulsora das verdades eternas, reerguendo-nos do lodaçal de nossos vícios e misérias, de nossos interesses inconfessáveis, de nosso desamor, de nossas desesperanças e das dores do corpo e da alma que tanto nos afligem; mas também nos fazem sentir que o Espiritismo, quando desligado das luminosidades do Evangelho, nada mais representa que a sistematização de ideias para alimento de nossa vaidosa e pretensa cultura, que poderá ser uma bela filosofia, mas uma filosofia como todas as demais, que não consegue operar a reforma de nosso *eu*, e, conseqüentemente, improdutiva como elemento de progresso de nossos Espíritos.

O dínamo do amor, que funciona no mais recôndito da alma alvinitente de Bezerra de Menezes, não experimenta, em instante algum, solução de continuidade; trabalha sem descanso, porque o amor verdadeiro não pode ficar inativo, indiferente, pois tem ânsias de amar sempre e em escala ascendente.

O Espírito André Luiz, em um de seus magníficos livros *Ação e Reação* dá-nos a conhecer esse grande amor que alimenta a alma de Bezerra, agora nesse grande Além, e de como ele, no Brasil inteiro, é venerado pelos encarnados e também nos círculos espaciais que circundam a Terra, pelos Espíritos errantes, sôfregos de amparo e de luz!

O trecho a que nos referimos, alude ao Templo e ao parlatório de "Mansão da Paz", usualmente freqüentados por irmãos do plano físico, provisoriamente desligados da habitação corpórea, por influência do sono, bem como pelos desencarnados que vagueiam em tomo da Mansão, à procura de conforto.

No recinto desse Templo encontra-se a imagem da cruz e nichos vazios. E explica-nos o Assistente Silas:

"A cruz recorda a todos os visitantes que o Espírito de Nosso Senhor Jesus-Cristo aqui se encontra presente, não obstante estejamos nos abismos infernais, e os nichos vazios dão oportunidade a que todos se dirijam aos Céus, segundo a fé que abraçam. Até que a alma obtenha a Sabedoria infinita, é indispensável caminhe na longa estrada dos símbolos de alfabetização e cultura que a dirigem na senda de elevação intelectual e, até que atinja o Infinito Amor, é necessário palmilhe as longas rotas da caridade e da fé religiosa, nos múltiplos

departamentos da compreensão que lhe assegure o acesso à Vida Superior.

Diante de um desses nichos, certa senhora mantinha-se em prece. E esclarece-nos ainda o autor espiritual, que, procurando assimilar a faixa mental dessa senhora e estabelecida a sintonia, surpreendeu no nicho a imagem viva e simpática do abnegado Dr. Bezerra de Menezes, ao mesmo tempo que ouvia a súplica dessa companheira desolada: — "Dr. Bezerra, por amor de Jesus, não abandones meu pobre Ricardo nas trevas da desesperação! ... Meu esposo infeliz atravessa rudes provas! ... ó generoso amigo, socorre-nos! Não permitas que ele desça ao abismo do suicídio... Dá-lhe coragem e paciência, sustenta-lhe o bom ânimo!.. As dificuldades e as lágrimas que o afligem no mundo caem sobre minha alma como chuva de fel!..

Esse santuário serve à oração digna, sem cultos especiais. Ali, alguém recorre ao amparo da monja de Lisieux, aqui um coração infortunado pede socorro ao notável companheiro dos espíritas do Brasil, esclareceu ainda o Espírito André Luiz.

E esse bondoso amigo da Espiritualidade acrescentou:

"Com mais de cinqüenta anos consecutivos de serviço à Causa Espírita, depois de desencarnado, Adolfo Bezerra de Menezes fez jus à formação de extensa equipe de colaboradores que lhe servem a bandeira da caridade. Centenas de Espíritos estudiosos e benevolentes obedecem-lhe às diretrizes na lavoura do bem, na qual opera ele em nome do Cristo.

"Desse modo é fácil compreendê-lo agindo em tantos lugares ao mesmo tempo, tal como acontece na radiofonia, em que uma estação emissora emite para muitos postos de recepção, assim qual uma só cabeça pensante para milhões de braços, um grande missionário da luz, em ação no bem, pode refletir-se em dezenas ou centenas de companheiros que lhe acatam a orientação no trabalho ajustado aos desígnios do Senhor, Bezerra de Menezes, invocado carinhosamente, em tantas instituições e lares espíritas, ajuda em todos eles, pessoalmente ou por intermédio das entidades que o representam com extrema fidelidade."

Vamos abrir um parêntese, a fim de esclarecermos um ponto que, talvez, os menos aprofundados no estudo de certos fenômenos psíquicos, ou melhor, do pensamento e da vontade, desconheçam, como o chamado "ideoplastia".

E assim nos manifestamos pelo fato de em um desses nichos aparecer, por força do pensamento daquela senhora, a imagem perfeita do Dr. Bezerra de Menezes.

Quem desejar melhor conhecer esse assunto, bastará ler a obra do renomado Ernesto Bozzano, intitulada *Pensamento e Vontade*.

Em todo o caso, diremos: "O vocábulo "ideoplastia" foi criado pelo Dr. Durand (de Gros), em **1860**, para designar os principais caracteres da sugestibilidade.

"Mais tarde, em **1864**, o Dr. Ochorovicz o empregou para designar os efeitos da sugestão e da auto-sugestão, quando ela faculta a realização fisiológica de uma

ideia, como se dá nos casos de estigmatização.

"Finalmente, o Professor Richet o propôs, quando das suas experiências com as senhoritas Linda Gazzera e Eva C... (1912-1914), cujas experiências demonstraram, de feição nítida e incontestável, a realidade da materialização de semblantes humanos, que eram, por sua vez, reproduções objetivadas e plásticas de retratos e desenhos vistos pelos médiuns.

"Claro é que, desses fatos, dever-se-ia logicamente inferir que a *matéria viva exteriorizada é plasmada pela Ideia*.

"E aí está a exata significação do termo "ideo- plastia", aplicado aos fenômenos de materialização mediúnica.

"E a substância viva, exteriorizada e amorfa, sobre a qual se exercem as ideias-forças, inerentes à subconsciência do médium, foi designada por "ectoplasma", pelo mesmo Professor Richet.

"Em homenagem à verdade histórica, devo consignar que as *materializações ideoplásticas* já eram conhecidas de meio século antes de despertarem, de modo especial, a atenção dos investigadores.

"Quanto à *substância ectoplásmica*, essa já era conhecida dos alquimistas do século XVII, assim como de Emmanuel Swedenborg."

Para darmos aos nossos leitores uma ideia dos continuados pedidos de S. O. S. endereçados aflitivamente ao Espírito Bezerra, diremos o que ele, aliás, nos transmitiu mediunicamente: "Em certo dia do ano de 1951, eu me encontrava absorto das atrações terrenas, atendendo a lides espirituais afetas às minhas responsabilidades de obreiro humílimo da Estância Bendita, em região do Espaço próxima à cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, quando enérgica vibração mental, partida da Terra e emitida por alguém cujas irradiações plenamente se harmonizavam com as minhas, repercutiu em meu sensorio espiritual, causando-me surpresa pela intensidade da força positiva com que me buscava. Voltei-me, pressuroso, a indagar quem assim pensava em mim, terna e confiantemente, em oração singela... e um vulto de mulher, doce e triste, apresentou-se à minha visão psíquica assestada para o local de onde provinha o chamamento.

E Bezerra de Menezes então nos relata toda uma comovente história a respeito desse chamamento, história essa que foi psicografada pela médium Yvonne A. Pereira, e a que ele deu o título de *A Tragédia de Santa Maria*.¹⁹

Vamos, nesse particular, citar mais um caso interessante e bastante instrutivo, em que figura o Espírito do nosso Bezerra de Menezes, caso esse que nos foi transmitido pelo Espírito Hilário Silva, através da psicografia de Francisco Cândido Xavier:

"Perante o enorme ajuntamento de sofredores desencarnados, no Plano Espiritual, o Dr. Bezerra de Menezes, apóstolo da Doutrina Espírita no Brasil,

¹⁹ (1) Obra editada pela FEB.

rematava a preleção.

"Falara, com 'muito brilho, acerca dos desregramentos morais.

"Destacara os males da alma e os desastres do espírito.

"Disponha-se à retirada, quando fino ironista o investiu:

— "Escute, doutor. O senhor disse que a calúnia é um braseiro no caluniador. Eu caluniei e nada senti. O senhor disse que o destruidor de lares terrestres carrega a lâmina do arrependimento a retalhar-lhe o coração. Destruí diversos lares e nada senti. O senhor disse que o criminoso tem a nuvem do remorso a sufocá-lo. Eu matei e nada senti. <

— "Meu filho — disse o pregador —, que sente um cadáver quando alguém lhe incendeia o braço inerte?"

— "Nada — disse, rindo, o opositor sarcástico —, pois cadáver não reage.

E a conversação prosseguiu:

— "Que sente um cadáver se lhe enterram um espinho no peito?"

— "Coisa alguma.

— "Que sente um cadáver se o mergulham num lago de piche?"

— "Absolutamente nada, ora essa! O cadáver é a imagem da morte.

Doutor Bezerra fitou o triste interlocutor e, meneando paternalmente a cabeça, concluiu:

— "Pois olhe, meu filho, quando alguém não sente o mal que pratica, em verdade carrega consigo a consciência morta. É um morto-vivo." ²⁰

*

Ainda recentemente esse bondoso amigo espiritual, em mensagem medianímica, veio lembrar- -nos, como habitualmente o faz, que "para extinguir a chaga da cobiça, que gera a ilusão; para exterminar o monstro do egoísmo, que promove a guerra; para anular o verme do desespero, que promove a loucura, e para remover o charco do crime, que carrega o infortúnio, o único remédio eficiente é o Evangelho de Jesus no coração humano".

•

Bezerra de Menezes é para todos os que mourejam em terra do "Coração do Mundo", a âncora de salvação, quando a borrasca do infortúnio os atinge.

Milhões de vozes pedem diariamente o seu socorro. .. Milhões de corações, a todo o instante, agradecem a esse grande benfeitor as dádivas do seu amor!

Bezerra de Menezes vive nos' corações de todos os espiritistas do Cruzeiro do Sul!

Se no Espiritismo planetário Allan Kardec é, indiscutivelmente, o seu maior expoente; para o Espiritismo, no Brasil, Adolfo Bezerra de Menezes é, sem favor algum, o Kardec brasileiro!

²⁰ (1) Apud — "A Vida Iciew" —, pelo Espírito Hilário Silva, na paleografia de F. C. Xavier e Waldo Vieira.